

# Walter August Hadler

**WAH - Walter August Hadler**

**EL - Elói José da Silva Lima**

**FITA 1 - LADO A - 31/01/89**

**EL.:** Em função do meu trabalho de Mestrado - eu estou fazendo-o na Faculdade de Educação, na área de Administração - eu estou fazendo um estudo de casos sobre a universidade, mais na parte administrativa; e a partir desse meu trabalho veio uma idéia, junto com o pessoal do Arquivo Central da universidade, de montar um arquivo histórico. Então essa é uma primeira etapa do trabalho e ele tem que atender a esses dois objetivos de uma forma intermediária. Essa entrevista procura obter do senhor algumas informações precisas, mas de qualquer forma fica aberto um espaço para fazer comentários, revelações, análises que o senhor achar adequado para complementar o depoimento. Então eu pediria ao senhor fazer a identificação: nós estamos na data de 31 de janeiro de 1989, nas dependências do Instituto de Biologia, no Departamento de Citologia. Eu, Eloi José da Silva Lima, sou o entrevistador e estou na presença do professor doutor Walter August Hadler, que foi selecionado para essa série de entrevistas pelo fato de ter sido um dos pioneiros na implantação... na criação da Universidade Estadual de Campinas. Então eu pediria ao professor Hadler que fizesse uma rápida apresentação sua... dizendo a sua trajetória profissional que não precisa ser em detalhes porque já temos o seu currículo; mas que o senhor fizesse uma pequena apresentação...

**WAH.:** Dentro da Universidade de Campinas?

**EL.:** ...que o senhor começasse uma apresentação sua enquanto profissional na área de Biologia.

**WAH.:** Eu me formei na Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1943, e me dediquei logo no início aos estudos de algumas dermatoses de interesse nacional, como por exemplo Pentio Foliácio e a Lepra. Trabalhei inicialmente no Instituto Ademar de Barros, que trata em caso de Pentio Foliácio, e depois no Departamento de Profilaxia da Lepra do Estado de São Paulo. Lá eu trabalhei de 1944 até 1954. Em 1954 eu fui convidado para participar da fundação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que havia iniciado seus cursos no ano anterior. Fui para lá onde eu trabalhei durante 9 anos, participando da instalação do Departamento de Histologia e Embriologia e exercendo minha atividade didática até janeiro de 1963. Quando foi criada a Universidade de Campinas pelo Decreto 7655 de 28 de dezembro de 1962 eu fui convidado para participar da instalação da Faculdade... da Universidade de Campinas. Aceitei o convite e fui contratado para exercer o cargo de Professor Titular de Histologia e Embriologia na Universidade de

Campinas, em 1º de fevereiro de 63. Diante deste contrato eu me vi na obrigação de tomar toda a iniciativa e exercer toda a minha atividade no sentido de instalar o primórdio da Universidade de Campinas, que ia ser através do início do curso de Medicina, que começou a funcionar realmente em 1963. Com esse objetivo, juntamente com outro professor, que havia também sido contratado para exercer suas atividades na Universidade de Campinas e para o qual foi dado o cargo de diretor da Faculdade de Medicina, recém-criado, que é o professor Antônio Augusto de Almeida<sup>1</sup>. Com a colaboração dele, passamos a providenciar um local para o início da Faculdade de Medicina de Campinas. Esse local, depois de muita luta, foi escolhido o prédio da Maternidade de Campinas, que naquela época estava em construção, estava, portanto, inacabado. Esse prédio foi nos cedido inacabado, com a intenção de que fosse, por nós, feito o acabamento. Diante da existência do local para o funcionamento da Faculdade de Medicina, foi então providenciado o primeiro vestibular. Com a colaboração do CECEM, foi efetuado esse vestibular. A inscrição foi aberta e qual não foi a nossa surpresa quando, não esperando 300 candidatos, tivemos na realidade 1.200 candidatos. Diante desse número de candidatos, nós não tínhamos nem local para efetuar o exame vestibular nem pessoal para tomar conta das provas do exame do vestibular. Conseguimos com a colaboração do Lions Clube de Campinas-Centro, que nos providenciou pessoal para a fiscalização das provas e local. Nós conseguimos também através de alguns elementos também do Lions Clube de Campinas-Centro, que nos cederam salas de aula de diversos colégios aqui de Campinas, como por exemplo, o Colégio Culto à Ciência e o Colégio Ateneu de Campinas, que funcionava no centro de Campinas. E nesses dois colégios nós realizamos as provas, inclusive algumas salas do prédio recém-cedido para a Universidade de Campinas, isto é, o prédio inacabado da Maternidade também serviu de local para a realização das provas. Efetuadas as provas e feita a classificação dos alunos, foram escolhidos 60 candidatos que tiveram início do seu curso em... eu não me lembro bem se foi abril ou maio de 1963. Iniciado o curso com a primeira aula dada por mim, na presença do reitor na época, o professor Cantídio de Moura Campos<sup>2</sup>. Assim foi instalado o primeiro ano do curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas. As outras disciplinas que faziam parte do primeiro ano foram também iniciadas nesse mesmo ano, 1963, embora um pouco depois. Para o Departamento de Anatomia, para a disciplina de Anatomia, foi convidado o professor João Baptista Parolari e para a disciplina de Genética foi convidado o professor Bernardo Beiguelman. Ambos iniciaram suas atividades nos meses de junho e julho e assim teve início o primeiro ano de funcionamento da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas. Nessa época, houve a mudança política no Estado de São Paulo: o governador do Estado de São Paulo, que era o professor Carvalho Pinto, teve o seu mandato extinto em março de 1963. Em seguida, depois de março de

---

<sup>1</sup> Médico oftalmologista, foi o primeiro diretor da Faculdade de Medicina. (\*1903 †1975).

1963, entrou como governador o doutor Ademar de Barros. E o doutor Ademar de Barros houve por bem mudar o reitor da Universidade de Campinas; foi então escolhido o novo reitor e a Universidade continuou funcionando através desse novo reitor, que foi o professor Mário Degni. Durante a gestão do professor Mário Degni houve diversos desacertos, diversas irregularidades que foram sanadas só posteriormente e houve então a necessidade de interferência política na Universidade de Campinas para que a reitoria fosse mudada. Depois de muito trabalho e de muita... verificação, foi convidado o professor Zeferino Vaz para vir para Campinas, com a finalidade de organizar e de continuar a instalação da Universidade de Campinas. Houve relutância do professor Zeferino, mas depois de ser insistentemente convidado ele aceitou o convite, veio para Campinas, através de uma intervenção do Conselho Estadual de Educação, que interviu na Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas no sentido de sanar diversas irregularidades, inclusive em relação ao próprio Conselho Estadual de Educação. Devido à insistência do Conselho Estadual de Educação, o professor Zeferino, que naquela época era presidente desse Conselho, aceitou o convite para vir a Campinas e aceitou então o encargo de organizar a Universidade de Campinas. Foi então nomeada uma comissão, Comissão para a Instalação... para a Organização... perdão, Comissão para a Organização da Universidade de Campinas. Essa Comissão para a Organização, era constituída pelo professor Zeferino Vaz, o professor Antônio Augusto de Almeida, que era o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas e do professor Paulo Romeu<sup>3</sup>, que havia trabalhado com o professor Zeferino Vaz, lá em Ribeirão Preto, durante a instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Essa Comissão houve por bem iniciar seus trabalhos imediatamente e tratou de conseguir primeiro um local para a instalação da Universidade de Campinas. Esse local não foi facilmente encontrado. Havia sido doado um terreno em uma fazenda nos arredores de Campinas, mas esse local não era adequado e havia a necessidade da construção de uma estrada, que ficava naquela época muito dispendiosa, não sendo então de interesse da Universidade de Campinas. Então conseguiu um outro local, também uma fazenda nos arredores de Campinas, que foi a fazenda da dona Jandira Pamplona - não me lembro mais o nome da fazenda - e nesse local foi doado uma área bastante grande correspondente aproximadamente a uns 80 alqueires, que foi doado para a Faculdade de... para a Universidade de Campinas, com a finalidade de que nesse local fosse construída a Cidade Universitária. Logo depois de efetuada a doação foi tomado posse do local, começou a se pensar nas primeiras construções. Nós estávamos ainda instalados no prédio inacabado da Maternidade de Campinas, prédio esse cuja Maternidade tinha interesse em ocupá-lo para suas próprias atividades. Isso exigia que a Universidade de Campinas desocupasse esse prédio. Devido a essa urgência em desocupar o prédio, foi

---

<sup>2</sup> Reitor da Universidade de Campinas de 13/01/1963 a 28/08/1963.

<sup>3</sup> Paulo Gomes Romeu foi membro da Comissão Organizadora da Unicamp e depois Coordenador Geral dos Institutos. Esteve na universidade até 1982.

solucionada com mais presteza a construção e a instalação do prédio para funcionar a Universidade de Campinas no próprio local da Cidade Universitária. Além disso, foi conseguido, dentro da cidade, um prédio do Governo Estadual onde funcionava um Colégio Técnico, que foi cedido para a Faculdade de Medicina... para a Universidade de Campinas e onde passou a ser instalada a Reitoria e a Administração da Universidade de Campinas. E nessa Administração foi então onde tiveram início os trabalhos necessários para a construção dos primeiros prédios na Cidade Universitária. Foi escolhida então uma firma construtora e foi escolhido o tipo de prédio a ser construído e foi iniciada a construção. Logo em seguida, logo que os prédios foram concluídos passou-se a mudança da Universidade de Campinas para esses prédios, uma mudança que foi feita um pouco atabalhoadamente porque a Maternidade de Campinas tinha interesse em ocupar imediatamente o prédio que nos havia cedido e, inclusive com a preocupação de que o prédio fosse desocupado, havia requerido despejo. Esse despejo iria ser feito naquela época. Então havia necessidade urgente da construção de um prédio na Cidade Universitária. Esse prédio foi construído e ocupado mesmo antes das diversas instalações suplementares, como por exemplo instalações sanitárias e serviços de infra-estrutura, estarem acabadas. Mesmo assim nós passamos a atuar... a funcionar na Cidade Universitária. Havia também dificuldade quanto ao acesso à Cidade Universitária; quanto a ônibus para condução de alunos e de professores, também não havia naquela ocasião. Mas mesmo assim foi instalada precariamente, foi instalada a universidade na Cidade Universitária.

**EL.:** O senhor gostaria de fazer algum comentário a respeito de... o senhor falou em algumas irregularidades na gestão do...

**WAH.:** Professor Mário Degni<sup>4</sup>.

**EL.:** ...do reitor Mário Degni.

**WAH.:** Dentro dessas irregularidades a que causou mais espécie foi a falta de ligação entre os poderes constituídos do ensino, inclusive da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e do Conselho Estadual de Educação e a Universidade de Campinas. Os professores da Universidade de Campinas que trabalhavam em tempo integral não tinham o tempo integral regularizado pela Comissão de Tempo Integral do Estado de São Paulo. Por sua vez a faculdade de... a Universidade de Campinas funcionava sem autorização prévia do Conselho Estadual de Educação e os professores não tinham registro no Conselho Estadual de Educação. Enfim, existiam uma série de irregularidades administrativas que precisavam ser sanadas o mais breve possível, inclusive contratos de professores. Havia professores que exerciam o seu cargo efetivo em outra

faculdade... em outra universidade e que estavam comissionados aqui na Universidade de Campinas onde colaboravam na instalação da universidade. Esse é o meu caso, por exemplo. Eu era professor efetivo da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e estava comissionado aqui na Universidade de Campinas. O meu comissionamento no ano de 1965 não saiu antes de junho. Eu fiquei seis meses trabalhando nessa universidade sem o comissionamento ter sido feito, inclusive com a possibilidade de perder meu cargo efetivo por abandono de emprego. Mas enfim consegui contornar essa situação e depois regularizar de tal maneira que não houve prejuízo para a minha pessoa. Eram principalmente essas dificuldades, esse tipo de irregularidades administrativas.

**EL.:** Certo. Eu vou formulando as perguntas que tenho aqui em mãos. Eu pediria, professor, que em primeiro lugar o senhor fizesse uma exposição de quais eram as suas idéias e expectativas sobre o que deveria ser a Unicamp por ocasião da sua criação. E peço que o senhor fale, inclusive, de aspectos filosóficos quanto às finalidades da instituição e de seu papel na sociedade.

**WAH.:** Eu havia vindo de Ribeirão Preto e estava interessado em participar da fundação de uma nova universidade, universidade essa que teria por objetivo modernizar a universidade brasileira. Nós fazíamos parte da Universidade de São Paulo onde nos formamos, então conhecíamos uma série de defeitos, de vícios da Universidade de São Paulo, principalmente da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Esses vícios deveriam ser corrigidos. Dentre eles alguns relacionados com a parte didática, outros relacionados com a parte acadêmica da universidade. Um dos exemplos era a existência do professor catedrático dono da cadeira, que deveria ser substituído por professores dotados de menor autoridade, capazes de formar um ambiente mais propício para o desenvolvimento da ciência. Nós estávamos numa Universidade de São Paulo, principalmente em relação à Faculdade de Medicina, onde quando um professor catedrático falecia ou abandonava ou se aposentava, isto é, desistia da sua atividade acadêmica, era substituído por outro, geralmente um professor que vinha de fora e que não admitia mais nenhum elemento da antiga equipe do professor anterior e iria formar uma nova equipe. Essa nova equipe iria se desenvolver durante alguns anos - dezenas de anos - e essa equipe iria finalmente se dissolver como se dissolveu a primeira. Então a Universidade de São Paulo, principalmente a sua Faculdade de Medicina, passou a ser constituída por equipes que se renovavam periodicamente e nunca atingiam um grau evidente de maturação. Havia sempre a renovação sem a maturidade suficiente. Isso mostrava a existência de um grande mal que impedia o progresso científico da Faculdade de Medicina de São Paulo. Esse era um dos objetivos da nossa nova universidade: evitar esse problema. Aliás, isso nós conseguimos evitar. Conseguimos através de

---

<sup>4</sup> Reitor da Unicamp de outubro de 1963 a setembro de 1965.

diversas atuações no sentido de modificar o estatuto da Universidade de Campinas, que aliás... modificar não, eu me expressei mal: no sentido de fazer um novo estatuto para a Universidade de Campinas que permitisse que essa universidade atuasse dessa maneira, isto é, sem a presença do professor catedrático. Isso foi feito e nós evitamos o concurso de professor catedrático nesta universidade até o ano de 1984, se eu não me engano. Só em 1984, quer dizer, vinte anos depois... pouco mais de vinte anos depois de fundada a Faculdade de Medicina foram abertos os primeiros concursos de professor. Assim mesmo, não era catedrático; professor titular, embora tendo outro nome, tem alguma conotação com o professor catedrático. Pelos estatutos, pelas normas, a autoridade de professor titular é bem menor que a autoridade de professor catedrático. Com isso nós conseguimos criar equipes mais efetivas e equipes mais duradouras, nós não tivemos até agora nenhuma modificação nas equipes, porque se constituíram desde o início da universidade. Então elas foram evoluindo, é claro foram adquirindo maior número de professores; essas equipes então foram engrandecendo com a presença de novos participantes, mas permaneceram a mesma desde a época da fundação. Isso foi muito bom porque dessa maneira conseguimos o progresso. É verdade que houve uma falha durante o transcorrer da evolução da Universidade de Campinas, falha essa que ocorreu depois da nossa interferência mais efetiva na Universidade de Campinas; essa falha ocorreu devido a interesses de... talvez políticos, no interior da própria universidade. Mas isso é um outro problema que eu não vou tratar agora, talvez mais tarde eu vou falar a respeito.

**EL.:** Certo. Alguma coisa a mais que o senhor gostaria de lembrar com relação...

**WAH.:** No início da Universidade de Campinas, quando o professor Zeferino Vaz e a comissão encarregada da instalação da universidade começaram a atuar, foi bastante trabalhoso, bastante oneroso, porque a universidade foi criada através da participação de poucos elementos, havia pouca gente para dar início à essa instalação. Eu me lembro muito bem na época em que foi formada a primeira comissão de professores, que foi chamado o primeiro Conselho de Diretores... esse conselho era constituído por pequeno número de professores, dentre esses professores convém lembrar o professor Damy de Souza Santos<sup>5</sup>, o professor Rubens Murillo Marques<sup>6</sup>, o professor Valverde<sup>7</sup>, o professor Cilento<sup>8</sup>, o professor Antonio Augusto de Almeida e eu; nós é que fazíamos parte desse Conselho de Diretores. Cada um era diretor de um instituto, o Professor Almeida era diretor da Faculdade de Medicina, eu era diretor do Instituto de Biologia, o professor Dami, diretor do Instituto de Física, o professor Cilento, diretor do Instituto de Química, o professor Rubens

---

<sup>5</sup> Marcelo Damy de Sousa Santos, foi diretor do Instituto de Química.

<sup>6</sup> Foi coordenador da instalação - e depois diretor - do Instituto de Matemática (1966-1971).

<sup>7</sup> José Fonseca Valverde, primeiro diretor da Faculdade de Engenharia de Campinas, composta, naquela época, pelos Departamentos de Engenharia Química, Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica.

Murillo Marques, diretor do Instituto de Matemática... está faltando alguém? Acho que são esses. E posteriormente foi incluído mais um, o professor Castilho, que era diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que foi criado logo em seguida. Além disso, faziam parte também da comissão de professores, professores de Piracicaba... da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, que também fazia parte desse Conselho. Era o professor... agora não me lembro o nome dele, ele era o diretor da Faculdade de Odontologia de Piracicaba - no momento não me ocorre o nome dele - e o diretor da Faculdade Filosofia e Ciências de Rio Claro, que também pertencia à Universidade de Campinas. A Faculdade de Filosofia de Rio Claro logo se afastou da Universidade de Campinas, mas a Faculdade de Odontologia de Piracicaba permaneceu onde permanece até hoje como membro da Universidade de Campinas. Então esse pequeno grupo é que começou a desenvolver atividades no sentido de instalar a Universidade de Campinas na Cidade Universitária e criar os diversos institutos e diversas faculdades e instalar essas faculdades, instalar esses institutos, criar os cursos, fazer os vestibulares, enfim toda a atividade necessária para o funcionamento de uma universidade, inclusive a construção de prédios, que a Cidade Universitária já tinha prédios provisórios, feitos para abrigar as primeiras instalações, mas inadequados para abrigar as diferentes instituições da universidade. Foram então contratados os serviços de arquitetos para que fosse planejada uma Cidade Universitária. Foi nomeada uma comissão para a instalação da Cidade Universitária, comissão essa que teria função inclusive na escolha dos prédios, na localização dos prédios, na determinação do desenho da Cidade Universitária e na distribuição dos institutos dentro desse desenho. Essa comissão era constituída pelos mesmos elementos da instalação, quer dizer, aquela mesma comissão de diretores era encarregada. Mais tarde surgiu um novo professor que veio colaborar conosco: o professor Brieger<sup>9</sup>, que vinha de Brasília e que colaborou com a Universidade de Campinas durante muito tempo e trouxe para essa universidade toda sua experiência, pois ele era um professor aposentado da Universidade de São Paulo, onde havia trabalhado durante muitos anos na Faculdade de Agronomia Luiz de Queiroz, de Piracicaba. O professor Brieger foi muito importante para... atuou como coordenador dessa comissão de diretores. Essa comissão então deu início à instalação da Universidade de Campinas; da instalação da atividade acadêmica da Universidade de Campinas e era constituída, como eu disse de início, por pequeno número de pessoas, de modo que essas pessoas faziam parte de quase todos os órgãos colegiados que a universidade tinha naquela ocasião. Eu tenho uma lista de atividades que exercia naquela ocasião e até hoje eu me recordo com saudade, mas também com a lembrança do esforço que precisava ser feito naquela ocasião para ser possível atender a todas as obrigações que essas comissões e esses colegiados dispõem.

---

<sup>8</sup> Giuseppe Cilento, coordenou a formação e foi o primeiro diretor do Instituto de Química.

<sup>9</sup> Friedrich Gustav Brieger, foi professor do Instituto de Biologia, Coordenador Geral dos Institutos e presidente da Comissão de Ensino na gestão Zeferino Vaz.

**EL.:** O senhor dispõe desses documentos?

**WAH.:** Faz parte do currículo.

**EL.:** Faz parte do currículo, certo.

**WAH.:** Eu tenho, por exemplo, umas trinta e tantas comissões e colegiados que eu fazia parte naquela ocasião, uma coisa impressionante. E era Comissão de Ensino e era Conselho diretor, era Congregação do Instituto de Biologia, era reunião de diretores, era Comissão de Construção da Cidade Universitária, Comissão de Biblioteca, Comissão de Ensino. Essa Comissão de Ensino tinha por finalidade não só orientar a abertura dos cursos na Universidade, como também a escolha dos professores, então a essa comissão cabia a análise dos currículos das pessoas interessadas em exercer suas atividades na Universidade de Campinas. E essa Comissão teve então uma participação muito grande e muito interessante na instalação da Universidade de Campinas. Havia naquela, ocasião como perdura até hoje, um conceito de que uma boa universidade depende dos professores, isto é, uma boa universidade depende de bons professores e é dessa forma que nós trabalhávamos naquela ocasião e continuamos trabalhando até hoje. Então a escolha dos professores é fundamental. Baseava-se no currículo de cada elemento e na experiência de cada um. Esse currículo era analisado com bastante prudência e com bastante objetividade. E faziam parte das reuniões da Comissão de Ensino as discussões sobre os currículos de professores, discussões essas que eram bastante intensas e acaloradas e por vezes demoravam diversas horas para que se pudesse estabelecer com nitidez o mérito de um determinado professor. Então essas eram as atividades que desenvolvíamos, principalmente pelo pequeno número de professores que constituíam a Universidade de Campinas naquela época e que faziam parte, como eu falei, das numerosas comissões e colegiados que existiam naquela época.

**EL.:** Ainda nessa linha, qual era a expectativa que esse grupo... que o senhor tinha pela Unicamp, dentro da nossa sociedade. O papel que a Unicamp deveria representar na sociedade brasileira e paulista.

**WAH.:** Nós tínhamos por objetivo fundar uma universidade da qual fizesse parte do corpo docente a elite do professorado... dos professores presentes no Brasil e inclusive nessa época houve um fato que interferiu até certo ponto na organização da Universidade de Campinas, foi a Revolução de 64. Com a Revolução de 64 muitos professores que tinham uma ideologia política diferente da ideologia política dominante naquela época foram considerados elementos não gratos para participar do corpo docente de qualquer universidade, inclusive da Universidade de Campinas. Mas aqui na Universidade de Campinas naquela época nós tivemos oportunidade de ter algumas discussões ou mesmo de ter alguns pequenos desentendimentos com a política



dominante da época e conseguimos colocar dentro da universidade pessoas que eram consideradas como banidas políticas por outras instituições deixando...

#### **FITA 1 -LADO B**

**WAH.:** ...deixando sempre bem claro que as atividades que o professor iria exercer dentro da universidade eram atividades didáticas e atividades acadêmicas e não atividade política. Atividade política ele deveria exercer fora da Universidade de Campinas. Foi realmente o que aconteceu e vários professores agiam dessa forma e continuaram colaborando conosco mesmo diante da Revolução de 64.

**EL.:** Agora... bem a gente deve voltar a esse tema mais adiante. professor, nessa nossa pesquisa nós estamos considerando a gestão do professor Zeferino Vaz como de fato uma etapa única e homogênea da história da Unicamp. Inclusive nós denominamos de período de fundação da Universidade de Campinas. O senhor concorda com essa idéia ?

**WAH.:** Não bem período de fundação, porque eu acho que fundação, ela, a fundação, ocorreu antes. A fundação eu acredito que deva ser considerada quando ela passou a iniciar o seu funcionamento, quando começou a iniciar o seu primeiro curso, então aí foi a fundação. Agora, não há dúvida que o papel exercido pelo professor Zeferino Vaz foi fundamental e de grande importância, mas ele foi encarregado da organização e da instalação da universidade como um todo, como realmente uma universidade. Porque o início do funcionamento, a universidade passou a funcionar com um único curso que era o curso de Medicina, depois da instalação da universidade e a organização da universidade ela passou a funcionar com diversos cursos e com diversos institutos. Então no momento que passou a funcionar a universidade como tal foram criados Instituto de Matemática, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o Instituto de Química, o Instituto de Física, o Instituto de Biologia, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Então já tinha o número de institutos e faculdades suficiente para a instalação plena de uma universidade, foi o que ocorreu nessa época, isso foi em 1967. De 63 a 67 a universidade ficou funcionando apenas com o curso de Medicina, curso esse que foi se instalando gradativamente à medida que foi havendo necessidade. Então no primeiro ano de funcionamento foram instaladas as disciplinas correspondentes ao primeiro ano de funcionamento que é o primeiro ano do curso médico que foram as disciplinas de Histologia e Embriologia, a de Anatomia e Genética e também foi iniciada um curso sobre História da Medicina nessa

época. No segundo ano foram instaladas as disciplinas de Fisiologia, a disciplina de Farmacologia, a disciplina de Parasitologia, a disciplina de Microbiologia e Bioquímica e assim por diante foram instaladas progressivamente as disciplinas de Anatomia Patológica no 3º ano e Clínica Médica também no 3º ano. Daí por diante o curso começou, progrediu e se instalou progressivamente. Nessa época já estávamos em 67, quando começou a instalação, o funcionamento da Universidade de Campinas como um todo. Isto é, quando começaram a funcionar outros institutos e faculdades. Então eu acho que o papel desempenhado pelo professor Zeferino Vaz foi fundamental, fundamental não só sobre sua participação na instalação da Universidade de Campinas devido à sua experiência que o professor havia adquirido tanto na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, quanto na Universidade de Brasília, onde havia sido reitor, como também devido a sua grande atividade e seu grande conhecimento a respeito do corpo docente que estava disponível no Estado de São Paulo e que estava sendo contratados e que alguns elementos estavam sendo contratados para a faculdade... para a Universidade de Campinas. O professor Zeferino Vaz participou dessa escolha e foi de importância fundamental a sua participação nessa escolha.

**EL.:** Quais os seus vínculos filosóficos, ideológicos e políticos com o professor Zeferino Vaz e com os membros da alta administração da Unicamp com quem o senhor conviveu?

**WAH.:** Com o professor Zeferino Vaz os meus vínculos foram provenientes de Ribeirão Preto onde eu atuava como Professor Assistente Doutor e depois como Professor Assistente Docente, Livre-Docente e o professor Zeferino Vaz atuava como diretor. A nossa convivência em Ribeirão Preto permitiu que nós nos conhecêssemos mutuamente e eu estivesse a par de qual a filosofia seguida pelo professor Zeferino Vaz em relação às universidades de uma maneira geral e a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em particular. A filosofia desenvolvida pelo professor Zeferino a esse respeito era muito interessante porque ele citava sempre uma frase do professor Bernardo Houssay que dizia: "A gaiola é de ouro mas o pássaro não canta", isso ele queria dizer que o edifício era muito bonito, muito amplo, muito adequado, muito bem instalado mas os elementos que estavam lá dentro, isto é, os professores não cantavam.

**EL.:** A frase era de quem?

**WAH.:** Professor Bernardo Houssay. O professor Bernardo Houssay é um professor que já é falecido, um professor argentino que naquela ocasião era o único Prêmio Nobel de Medicina que existia na América do Sul, atualmente já existe outros, mas naquele tempo era o único. Ele dizia bem isso, e o professor Zeferino Vaz levava muito em consideração essa filosofia, e essa filosofia é que foi transmitida para cá, foi transmitida para mim, com a qual eu concordava bastante, e foi através dessa filosofia que nós começamos a

instalar aqui a Faculdade de Medicina e depois o Instituto de Biologia. A requisição de professores para o Instituto de Biologia, seguiu bastante essa filosofia, nós trouxemos para cá pessoas às vezes de locais bastante distantes, mas desde que tivessem um cabedal científico e um grau de conhecimento e um interesse pelo ensino bastante grande. Levo sempre em consideração... levava sempre em consideração o interesse pela universidade, pois não é admissível que uma pessoa tenha um grande cabedal científico e não tenha interesse em participar da instalação da universidade. Eu acho que as duas coisas devem vir juntamente, realmente isso ocorre com freqüência, mas muitas vezes há uma desvirtuação do conceito filosófico e as duas atividades divergem. Então eu procurava sempre escolher uma pessoa que era capaz de ter não só capacidade científica, didática, como também interesse na instalação de uma universidade, e assim nós começamos o nosso Instituto de Biologia, em 1967. Começamos instalando inicialmente os departamentos que estavam relacionados com as cadeiras básicas da Faculdade de Medicina e assim foi fundado o Departamento de Bioquímica, o Departamento de Histologia e Embriologia, o Departamento de Fisiologia, o Departamento de Parasitologia, o Departamento de Microbiologia, e o Departamento de Anatomia, e assim teve início o Instituto de Biologia. Logo em seguida foram instalados os departamentos estranhos a esses primeiros citados. Departamentos esses que estavam relacionados com o curso de Biologia que ia ser iniciado logo em seguida pelo Instituto de Biologia. Esses eram o Departamento de Zoologia e o Departamento de Botânica. O Departamento de Botânica que, por sua vez, foi logo subdividido em Anatomia Vegetal e Fisiologia Vegetal e o Departamento de Zoologia inicialmente foi fundado em conjunto com o Departamento de Parasitologia e posteriormente foi separado, constituindo um departamento independente e assim se constituiu... aliás, foi fundado um outro departamento que era o Departamento de Genética; porque havia na Faculdade de Medicina um Departamento de Genética, mas relacionado principalmente com genética humana, com genética médica; essa genética humana, essa genética médica, ficaram ligadas à Faculdade de Medicina, como um Departamento da Faculdade Medicina, e foi criado um departamento novo de Genética, que foi chamado inicialmente Genética Animal, departamento esse que foi agregado ao Instituto de Biologia. Esse departamento foi inicialmente chefiado pelo professor Brieger, que havia sido professor de genética na Faculdade de Agronomia Luiz de Queiroz.

**EL.:** Mais algum aspecto de identificação entre o senhor e o professor Zeferino e as outras pessoas também?

**WAH.:** Eu sei um pouco do assunto. Você diz em relação a...

**EL.:** A identificação de pensamentos, idéias.

**WAH.:** É, havia uma certa... coincidência de maneira de pensar entre o professor Zeferino e a minha, mas é apenas uma "certa" coincidência, porque havia também uma maneira individual nossa de pensar. Quer dizer a minha maneira de pensar divergia da dele em diversos aspectos. Um dos aspectos era justamente a instalação física da Universidade de Campinas; os prédios que iriam abrigar os institutos e faculdades ao meu ver deveriam ser prédios simples, de construção rápida e baratos. Porque esses prédios naturalmente são prédios que são feitos com adaptação ótima para aquele momento, mas devido à evolução da ciência, principalmente em certos ramos da biologia, que é muito rápida, esses prédios tornam-se caducos em pouco tempo; então eu achava que as construções deveriam ser prédios simples, rápidos e baratos, para que pudessem ser transformados na medida em que houvesse necessidade. E a filosofia do professor Zeferino era diferente: eram prédios... não digo grandiosos, mas pelo menos prédios definitivos, que iriam resolver o problema durante toda a vida e, assim, essa foi a filosofia seguida, essa foi a filosofia com a qual eu não concordava naquela ocasião. Em relação à instalação de cursos, em relação a escolha de professores, eu concordava plenamente com a idéia do professor Zeferino, apenas com pequenas divergências é claro, como pessoas diferentes tem pequenas divergências, mas, numa maneira geral, eu concordava sempre com a maneira dele pensar.

**EL.:** E com as demais pessoas que compunham a alta administração da universidade?

**WAH.:** Havia geralmente uma grande concordância na maneira, na filosofia de nós encarmos a universidade. Por exemplo, o professor Marcelo Damy de Souza<sup>10</sup> Santos tinha um pensamento bastante semelhante ao meu, inclusive em relação a prédios, nós nos identificávamos muito bem, em relação ao nosso pensamento. O professor Rubens Murilo Marques também se identificava a ele, o professor Cilento também, embora o professor Cilento fosse menos dedicado a essa universidade porque ele era professor da Universidade de São Paulo, onde ele dedicava uma boa parte de seu dia, então ele dedicava-se menos à Universidade de Campinas, mas ele também se dedicava. Enfim, havia um idealismo muito grande de todos nós em relação a um conceito de universidade, em relação à instalação da universidade. Havia algumas contradições em relação a alguns professores e eu cito, por exemplo, o professor Valverde, que não concordava com muitos aspectos que nós gostaríamos de imprimir à Universidade de Campinas e por isso, houve desentendimento e ele acabou deixando esta universidade, sendo depois substituído pelo professor... esqueci o nome dele... tinha uma vós grossa, como ele chamava? Enfim...

**EL.:** Ele era de que área?

---

<sup>10</sup> Marcelo Dammy de Souza Santos, ex-diretor do Instituto de Física.

**WAH.:** Da Faculdade de Engenharia, esse professor, aliás eu conhecia porque havia sido meu professor de ginásio, professor Teodoreto de Souto. Que foi também um elemento que integrou esse conselho durante a instalação da universidade. Em seguida foi instalado mais um instituto na Universidade de Campinas, que foi o Instituto... do Tosello, como que chama? Naquele tempo era faculdade de?

**EL.:** Engenharia Agrícola.

**WAH.:** Não, atualmente é Engenharia de Alimentos, naquele tempo era Faculdade de Ciências de Alimentos, qualquer coisa parecida com isso, cujo primeiro diretor foi o professor André Tosello, que, aliás, foi um elemento muito útil também na instalação da universidade, foi muito eficiente e participou bastante nesses primeiros momentos. O momento em que esse novo pessoal veio se agregando à universidade, foi folgando um pouco a atividade dos outros componentes dessas comissões. E a universidade passou a expandir com mais velocidade e com menor comprometimento de cada elemento da comissão; no início a atividade desempenhada por cada elemento era muito grande: a gente passava o dia todo na universidade, todos os dias da semana, não havia sábado, não havia domingo e mesmo assim a gente não tinha possibilidade de dar conta as vezes de todos os afazeres, de todas as tarefas que haviam.

**EL.:** O senhor poderia identificar precisamente quais foram, vamos chamar assim, as crenças filosóficas, que fundamentaram a Universidade de Campinas.

**WAH.:** A crença filosófica foi bem expressa pelo professor Zeferino quando ele resolveu fazer o desenho da Universidade de Campinas e colocou aquela praça central. Essa praça central seria uma praça em torno da qual estariam distribuídos todos os institutos e faculdades da Universidade, no sentido de que houvesse uma integração perfeita entre os diversos institutos e faculdades. Integração não só entre os elementos do corpo docente como também do corpo discente; a praça central seria o ponto de convívio do corpo discente e do corpo docente em relação à universidade. Infelizmente essa idéia, que era muito interessante teoricamente, não foi bem aceita, não foi levada com eficiência na prática porque essa praça, embora tenha sido construída, ela não foi usada com essa finalidade não só pelo corpo docente como pelo corpo discente. Até hoje essa praça é uma praça mais ou menos deserta e que não é usada com essa finalidade. Mas essa filosofia existia.

**EL.:** E o senhor acha que ela foi duradoura?

**WAH.:** Não foi. Toda filosofia exige para que ela seja aceita e para que seja propagada, exige que esse conceito seja difundido em todos os elementos que fazem parte do grupo. Isso não ocorria. Quer dizer, existiam alguns elementos que achavam que essa filosofia era muito interessante e deveria ser propagada.

Mas a maioria achava que era desnecessária, que era secundária, que não havia necessidade que ela fosse propagada. Então progressivamente ela foi se acabando e acabou não morrendo, porque essa filosofia não morre. Mas ficou atenuada pelo tempo.

**EL.:** Mais alguma crença assim importante que o senhor lembre que orientou a construção da Unicamp?

**WAH.:** Que eu me lembre assim no momento, não.

**EL.:** Está bem, eu tenho uma outra pergunta aqui: qual foi a sua participação e as suas principais contribuições na criação e na implantação da Unicamp? O senhor acabou de me dizer que isso estava escrito no seu memorial. Mas eu gostaria que o senhor lembrasse.

**WAH.:** Certo, eu acho que a participação mais importante foi primeiro o início do funcionamento porque houve uma necessidade de um grande esforço para que ocorresse o início do funcionamento. E esse início de funcionamento foi importante porque logo depois de iniciado houve tendência do governador do Estado de São Paulo, o doutor Ademar de Barros, em fechar a Universidade de Campinas, porque ele achava que a universidade tinha problemas e que esses problemas deviam ser resolvidos com o fechamento dela. Então essa época foi uma época de luta para que a universidade não acabasse. Embora tivesse já iniciado o seu funcionamento, houve necessidade de muita gestão, de muita conversa e de muita influência para que a universidade não se acabasse. E houve a necessidade da intervenção de diversos elementos políticos na ocasião. Por exemplo o senhor Laudo Natel foi um elemento de grande importância naquela ocasião, ele era vice-governador do Estado de São Paulo e ele interferiu diretamente junto ao governador no sentido de impedir que fosse fechada a universidade. Eu me lembro de uma frase dita pelo doutor Ademar de Barros: "A Leonor queria só uma faculdade de medicina de modo que eu vou fechar a Universidade de Campinas e vou deixar só a faculdade de medicina". E esta foi uma frase célebre a respeito da qual nós não nos conformamos e lutamos para que a Universidade de Campinas iniciasse, continuasse as suas atividades como tal e não como simples faculdades de medicina. Aliás esse é um outro argumento em favor de que a Universidade de Campinas iniciou em sessenta e três e não em sessenta e sete, porque ela já tinha iniciado como uma universidade e não como faculdade de medicina. E houve interesse de todos os elementos que participavam da Universidade de Campinas naquela época para que ela continuasse a funcionar como universidade e não como faculdade de medicina, como queria o doutor Ademar de Barros. Essa participação foi muito intensa e muito trabalhosa, mas felizmente foi vencedora. Essa então foi a primeira participação. A segunda participação foi quando já havia sido organizada a universidade, e essa universidade deveria ser então instalada. Nesta instalação é que foi efetuada através de uma série de conselhos e de órgãos colegiados

dos quais eu fazia parte de quase todos e naturalmente minhas atividades eram voltadas para o exercício dessas funções, e com isso as minhas atividades não didáticas, atividades didáticas eu continuei a exercer; mas as minhas atividades científicas, ficaram paralisadas durante vários anos; eu fiquei uns dez anos sem exercer quase nenhuma atividade científica. Quando se verifica o meu curriculum, atividade científica revelada através de trabalhos publicados, há um hiato de sessenta e cinco até mais ou menos oitenta, há um hiato de quinze anos em que a produção científica decaiu bastante.

**EL.:** As suas principais tarefas eram de que natureza?

**WAH.:** Eram mais de natureza administrativa, se bem que eu não tenha deixado totalmente as tarefas didáticas e as tarefas de pesquisa. Mas sempre tinha como atividade secundária, a atividade principal era atividade administrativa.

**EL.:** E em que consistiam essas atividades administrativas?

**WAH.:** Consistiam por exemplo na entrevista do professor, na escolha do professor, na análise de currículo de professor, na verificação da instalação dos diversos institutos e faculdades. Na construção de prédios adequados para a instalação desses institutos e faculdades, no prosseguimento, na evolução dos cronogramas e obras dos prédios da Universidade de Campinas, enfim, em tudo que dizia respeito ao que estava sendo construído na Universidade de Campinas. Porque nós começamos a construir tudo simultaneamente, e então se dispersavam as atividades em diversas direções. E essas direções, nenhuma delas podia ser abandonada, todas elas deviam ser olhadas com a devida consideração.

**EL.:** Outra pergunta: face à sua formação escolar e experiência profissional em geral, eu queria que o senhor fizesse uma avaliação entre elas e as funções que exerceu na Unicamp. Ou seja, estabeleça relações de correspondência e adequação entre uma e outra. Quer dizer, o senhor tem uma formação de pesquisador, professor e o senhor exerceu durante muito tempo a função de administrador. Eu queria que o senhor fizesse um...

**WAH.:** Pois não. Eu me formei então na Faculdade de Medicina de São Paulo, na USP, onde naturalmente eu tive uma formação acadêmica como médico, e me formei com a finalidade de exercer medicina, a medicina de interior onde eu iria fazer um pouco de clínica, um pouco de cirurgia, um pouco de obstetria, enfim o que fosse necessário para atender uma população de uma pequena cidade do interior. Acontece que logo em seguida eu me interessei por laboratório de análises clínicas e passei a atuar em um laboratório de análises clínicas e fui convidado simultaneamente para trabalhar no Instituto Ademar de Barros, era um

serviço Pentil Poliáceo, aliás como pesquisador, e aceitei esse encargo. Então passei a exercer uma atividade mais de pesquisa em relação aos problemas médicos. Em seguida fui trabalhar no Departamento da Lepra também como pesquisador. Eu fazia a parte experimental da Lepra. Havia naquela ocasião uma instituição chamada Serviço de Pesquisa sobre Lepra e eu fui fazer parte desse Serviço de Pesquisa sobre Lepra. Em seguida fui convidado pelo Butantã para integrar também um grupo de pessoas que estavam interessadas em fazer estudos de tratamento de lepra, então passei a integrar também esse grupo sempre com atividade de pesquisa. Então me orientei em atividade de pesquisa. Em 1950 tive ocasião de viajar para a Europa onde também participei da visita e do conhecimento de diversas instituições de pesquisa que funcionavam na Inglaterra, na Itália, na França, principalmente nesses três países. Onde eu estive e eu tive possibilidade de fazer pequenos estágios em diversos deles e me integrei sempre em atividades de pesquisa. Quando eu entrei como membro do corpo docente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em 54, eu tinha essa formação voltada para pesquisa. Nessa formação voltada para a pesquisa houve também a participação de diversos professores, pesquisadores com os quais eu havia trabalhado. Um deles é o professor Travassos, cheguei a trabalhar com ele durante a época do meu estágio no Serviço de Pentil-Poliáceo. Consegui trabalhar com o professor Arthur durante o também meu estágio no Departamento Pentil-Poliáceo e depois fui trabalhar com o professor Mizom, que era histoquímico lá na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, sempre orientado para pesquisa. Então minha formação, embora seja uma formação médica, foi orientada para a pesquisa. Quando eu vim para Campinas, eu tinha interesse não só em modificar a filosofia da nossa escola superior, da nossa universidade como também estava orientado para pesquisa. Tanto que logo que eu cheguei em Campinas uma das primeiras coisas que eu comecei a fazer foi instalar um laboratório de pesquisas onde nós começamos a trabalhar. Durante a época em que a faculdade... a Universidade de Campinas atuou apenas como Faculdade de Medicina, isto é, atuou apenas com aquelas primeiras disciplinas relacionadas com o curso Médico, eu continuei fazendo pesquisa aqui na Universidade de Campinas, embora o laboratório estivesse se instalando. Então diversos trabalhos, aliás trabalhos bastante interessantes foram feitos aqui naquela ocasião. Quando a universidade começou a se organizar e aqueles órgãos colegiados passaram a funcionar, então a minha atividade administrativa passou a predominar profundamente em relação as outras atividades e a atividade científica caiu em grau secundário. Mas mesmo assim a minha participação na Universidade de Campinas foi intencionalmente ou deveria ser intencionalmente a participação de atividade de pesquisa e de ensino e não administrativa. A participação administrativa foi feita pela necessidades urgentes, pela premência da época, que não havia outra pessoa para exercer essa atividade.

**EL.:** E como o senhor se sentia passando de pesquisador...



**WAH.:** Não me sentia bem, não me sinto bem até hoje porque eu tenho um temperamento bastante introvertido e bastante tímido. Eu não sou uma pessoa que gosta de falar em público, então eu me sentia mal toda vez que era obrigado a fazer um discurso, obrigado a fazer a apresentação, enfim obrigado a presidir determinada coisa. E isso inicialmente era para mim um verdadeiro sacrifício, só depois com o tempo, devido a sucessão de diversas atuações nesse sentido é que eu fui perdendo essa timidez, essa maneira de pensar. E hoje não, hoje eu já me sinto perfeitamente bem, mas mesmo assim não gosto de participar como elemento que preside uma determinada coisa. Eu prefiro ser um elemento que participe a ser um elemento que preside; então não foi uma atividade interessante para mim. Hoje eu acho muita graça que hoje se discute muito os cargos de mando e é muita gente falando a respeito de cargo de mando, que devem ser exercidos ou então pelo menos que tenham tendência em querer esses cargos de mando. Eu acho um absurdo isso. Eu, se pudesse deixar de lado todos os cargos de mando que eu tinha naquela ocasião e ter me dedicado à pesquisa, eu teria sido muito mais feliz, eu teria realizado muito mais, teria sido um elemento muito mais realizado do que eu fui até hoje. Embora eu não me arrependa de ter me dedicado à Universidade de Campinas e ter visto como ela evoluiu, como ela cresceu e atingiu o que ela é hoje. [pausa]

**EL.:** Então, quer dizer que o senhor, em relação a essa sua experiência administrativa, o senhor faz uma avaliação que, embora o senhor tenha contribuído, tudo não teria sido aquilo que o senhor realmente preferia, não é? Agora o senhor acha que é dado ao papel que o senhor desempenhou, extremamente importante, fundamental em termos de decisão... esse seu empenho trouxe benefícios para a universidade ou o senhor acha que a sua limitação...

**WAH.:** Trouxe benefícios sim. Porque...

## FITA 2 - LADO A

**WAH.:** ...de uma universidade é o elemento principal dessa universidade, e sempre achei que na nossa tendência era passarmos para uma democracia, embora naquela época o governo não fosse democrático, a tendência do Brasil era ter uma democracia e na democracia predomina a decisão da maioria e se nós tivéssemos um corpo docente, cuja maioria não fosse constituída por elementos bons, na nossa universidade a tendência era ser destruída e terminar. Então, nós tínhamos que escolher elementos com muito cuidado para que a maioria fosse constituída por elementos bons. Isso dava trabalho e aborrecimento, porque os pedidos e as pressões que se sofriam eram muito grandes. Eu me lembro que recebi telegramas de ministros

naquela ocasião, solicitando alguma conduta ou aceitação de algum elemento. Eu naquela ocasião, tinha pouca experiência a esse respeito, eu me lembro que recebi o telegrama pessoal com o endereço pessoal, respondi com o endereço pessoal. Mas depois fiquei sabendo que um ministro só poderia receber um telegrama de resposta do reitor da universidade e não de um simples professor, mas já havia respondido, não havia problema [riso]. Mas enfim, conseguimos manter afastadas as pressões políticas e outros tipos de pressão, e conseguimos fazer com que a universidade ficasse mais ou menos independente... politicamente do resto e isto permitiu com que se fizesse uma escolha mais... liberal dos professores da universidade. E assim o corpo docente foi sendo escolhido de acordo com essas idéias com pequena interferência de fora, interferência externa sempre houve, era impossível se debelar toda influência externa, sempre alguma coisa acaba vazando, mas enfim, nós procurávamos sempre deixar de lado essa interferência externa.

**EL.:** A propósito desse assunto, justamente o tema da pergunta seguinte, que em relação a esse período, que vai de 1966 a 78, que é um período que nós estamos trabalhando, estamos centrados ainda. Como o senhor via a situação nacional e do Estado de São Paulo, do ponto de vista econômico, político, social e cultural, e a influência desses fatores na Unicamp? Eu queria que o senhor considerasse nos seus comentários o papel dos governos federal, estadual em relação à autonomia acadêmica, autonomia política e financeira e administrativa da universidade.

**WAH.:** A autonomia da universidade... sempre foi um assunto pelo qual a universidade lutou muito e até hoje não conseguiu obter. Mas nós tínhamos uma autonomia fictícia, era uma autonomia relativa, nós tínhamos uma certa independência de ação dentro do âmbito da universidade, mas o reitor era escolhido através de uma lista tríplice fornecida ao governador; ele era escolhido pelo governador, embora essa lista tríplice já evidenciasse uma certa escolha dentro da universidade; mas mesmo assim havia interferência do reitor. Então a autonomia, era uma autonomia relativa, autonomia política na universidade; autonomia financeira então, essa não existe, a universidade sempre viveu à custa de orçamento estadual, isto é, verba fornecida pelo Estado e essa verba era fornecida de acordo com a situação financeira do Estado e não de acordo com as necessidades da universidade. Eu me lembro muito bem de que eu fazia parte da Comissão de Orçamento do Conselho Diretor naquela ocasião, e nós, como obtínhamos os primeiros dados para que se fosse feito o orçamento da universidade naquele ano... os primeiros dados vinham da Secretaria da Fazenda, através dos seguintes dizeres: "A verba máxima que vocês vão ter é tanto". Havia um limite de verbas e não se podia passar disso, então se as necessidades fossem superiores, deviam ser suprimidas as necessidades e não devia ser modificada a verba. Dentro dessa sistemática é que nós exercíamos a nossa atividade universitária, no que diz respeito à parte financeira. Isso era muito ruim; então a universidade era muito

limitada em relação à parte financeira. Inicialmente, o Estado de São Paulo estava numa situação financeira melhor e o governador do Estado de São Paulo estava mais aproximado da Universidade de Campinas, inclusive a Universidade de Campinas tinha mais prestígio diante desse governador, é o caso por exemplo do senhor Laudo Natel. A universidade tinha muito prestígio diante do senhor Laudo Natel, então, diante desse prestígio, a Universidade de Campinas conseguia obter verbas maiores do que as outras universidades e foi com essas verbas que nós conseguimos montar a Universidade de Campinas naquela ocasião; todos os prédios que temos hoje, todo o equipamento que nós temos hoje, nós devemos ao senhor Laudo Natel, que foi o elemento que nos cedeu a maior parte do dinheiro necessário para a instalação da Universidade de Campinas.

**EL.:** E sobre a autonomia acadêmica?

**WAH.:** A autonomia acadêmica era perfeita, não havia interferência do governo federal. O governo federal por diversas vezes quis interferir, mas foi possível afastar essa interferência, inclusive em relação a escolha dos professores; é claro que alguns professores nós não pudemos trazer para cá, devido a interferência do governo federal, mas poucos; a maioria nós conseguimos trazer, depois de fazer um esclarecimento a respeito. Inclusive professores que já estavam sendo exilados, nós conseguimos trazê-los de volta. Um deles é o professor Freire Maia, que estava para ser ou estava sendo exilado; nós conseguimos anular esse processo e trazê-lo para cá. Ele conseguiu ficar alguns meses aqui e depois foi para Curitiba, mas enfim, ele voltou para o Brasil através desse processo. E, assim, a gente conseguia ter uma certa independência, independência essa que dependia muito do prestígio do professor Zeferino. O professor Zeferino era conhecido dos militares que naquela ocasião governavam o Brasil, era conhecido da época da universidade de Brasília; então ele tinha um certo prestígio, um certo respeito, e as idéias dele eram acatadas. E com isso nós conseguimos fazer, é claro que nós não tivemos problema nenhum, os professores com ideologia bastante avançada, considerada bastante esquerdista naquela ocasião, quando vieram aqui para universidade não trouxeram nenhum problema político, porque não havia atividade política deles no interior da universidade. Eu acho que nós não tivemos problemas a esse respeito.

**EL.:** Quer dizer, do ponto de vista econômico, o senhor acha que o Estado de São Paulo atravessava algumas dificuldades.

**WAH.:** Depois do Laudo Natel, atravessava dificuldade financeira, então nós tivemos pouca colaboração. Até a época do Laudo Natel foi uma beleza, nós tivemos verbas bastante vantajosas, vantajadas, verbas que foram necessárias e suficientes para a instalação inicial da universidade.

**EL.:** E até o final da gestão do professor Zeferino, como é que essas coisas caminharam?

**WAH.:** Sempre houve uma curva decrescente. As verbas foram decrescendo progressivamente até o final da gestão do professor Zeferino. Eram relativamente altas no começo, aumentaram com o Laudo Natel e depois caíram progressivamente. Até o final da gestão dele as verbas eram totalmente insuficientes, não se podia importar mais nada e os equipamentos da universidade geralmente são equipamentos importados; nós não conseguimos fazer uma importação.

**EL.:** O senhor está lembrado em que período dirigiu o Instituto de Biologia?

**WAH.:** De 67 a 82... 81, 82, não me lembro bem.

**EL.:** Cobriu toda a gestão do professor Zeferino.

**WAH.:** Sim. E depois a gestão do Plínio... eu sai na época que entrou o Pinotti<sup>11</sup>, fiquei só nos primeiros meses da gestão do Pinotti. Quando é que entrou o Pinotti?

**EL.:** Em 82.

**WAH.:** Então, foi até aí que eu fiquei.

**EL.:** Nesse período, professor, como é que o senhor avaliaria a situação da educação no Brasil, em particular do ensino superior? O senhor poderia falar qual a sua visão sobre a educação em geral e sobre o ensino superior?

**WAH.:** A educação no Brasil, eu tenho uma noção muito vaga a respeito, porque eu tenho conhecimento de oitiva, só de ouvir dizer. Eu não tenho conhecimento de visitar universidades, a não ser as que eu conheço um pouco: a Universidade Federal de Curitiba, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e muito ligeiramente, a Universidade Federal de Fortaleza, mas tudo ligeiramente, uma visita de amigos, mas isso não é conhecer a universidade. Mas o que a gente sente devido ao que transparece através da imprensa e através de conversas que se tem com colegas, é que o ensino superior no Brasil está em decadência. E essa decadência ocorre também em relação à Universidade de Campinas, nós também estamos em decadência. Nós tivemos uma ascensão muito grande, atingimos um auge mais ou menos na década de 70 e depois entramos em decadência. Interessante é que nós entramos em decadência antes da entrada do regime democrático. Isso demonstra uma certa independência entre o regime político e a decadência da

universidade. Eu tenho a impressão de que o que influenciou na decadência da universidade é a filosofia do conceito de universidade e do conceito de ensino superior, que está se deteriorando no Brasil. Uma das coisas que serve como parâmetro para se verificar a atividade universitária brasileira são as reuniões da SBPC. A SBPC congrega universidades do Brasil todo. Se nós verificarmos, por exemplo, em relação à sessão correspondente à nossa especialidade, a histologia, o nível dos trabalhos apresentados na SBPC, nós tivemos uma ascensão até mais ou menos o final da década de 60, começo de 70, principalmente final da década de 60. Depois caiu e vem caindo, continua caindo. O número de trabalhos aumentou, mas o nível dos trabalhos decaiu, existem coisas primitivas, coisas primárias que são atualmente apresentadas na parte de histologia. Isso mostra que está havendo uma decadência, não só do corpo discente, mas também do corpo docente das universidades brasileiras. Como corrigir isso? Bom, tenho a impressão que isso é um problema que não é só brasileiro. Eu me lembro que há pouco tempo, houve muitos comentários a respeito da situação universitária francesa, que mais ou menos está nessa mesma situação; eles verificaram que a universidade francesa está formando elementos que são semi-analfabetos, que é o que ocorre conosco também, nós formamos elementos que são semi-analfabetos. Indivíduos que não sabem redigir uma prova e são os elementos que nós tínhamos aqui dentro, na nossa própria Faculdade de Medicina, que é justamente um grupo de elite. Porque para entrar numa Faculdade de Medicina você faz um vestibular tão apertado e concorre com tanta gente e é obrigado a se aprimorar; mesmo dentro desse grupo ainda existe pessoas que são semi-analfabetas. A situação no nosso ensino superior é calamitosa. E esse precisa ser resolvido, mas essa resolução não deve ocorrer apenas em relação ao curso superior, tem que vir desde o curso secundário, acho que desde o curso primário. O ensino no Brasil tem que ser resolvido...

**EL.:** Naquele período até o fim da gestão do professor Zeferino, o senhor acha que o ensino superior tinha um bom nível, mas que foi decaindo?

**WAH.:** Foi decaindo a partir do final da gestão do professor Zeferino, inclusive em relação a nós. E o que eu também acho interessante em relação à Unicamp é que o nível do corpo docente também decaiu daquela época para cá. O corpo docente cresceu muito, eu me lembro numa época, quando eu fazia parte desse conselho, desse colegiado, nós falávamos em 200, 300 professores. Então, de repente, começou a se falar em 1.500. Isso quer dizer que houve um crescimento muito grande em um tempo muito curto. E esse crescimento grande num tempo curto é impossível que seja feito sob uma boa seleção, quer dizer, uma seleção aí... praticamente é impossível. Então devem ter vindo elementos que não estão de acordo com o nível do corpo docente.

---

<sup>11</sup> José Aristodemo Pinotti, reitor da Unicamp de 19.04.1982 a 18.04.1986.

**EL.:** Professor, nessa ocasião, como o senhor viu o papel da universidade brasileira, da universidade em geral, e em particular da Unicamp no processo de desenvolvimento do Brasil?

**WAH.:** Minha opinião é que não deve existir uma correlação muito grande entre a universidade e o desenvolvimento do país. São duas coisas que devem ser feitas independentemente. A função da universidade é fornecer elementos para que eles labutem, trabalhem, organizem e colaborem no desenvolvimento do Brasil. Mas, a universidade em si não deve colaborar no desenvolvimento do país, ela apenas deve fornecer os elementos que vão atuar neste sentido. Então, a função da universidade é formar muito bem os seus alunos. E para formar muito bem os seus alunos ela deve ficar independente da organização política. E é uma coisa que não está acontecendo atualmente. Atualmente eles estão misturando a universidade com a organização política do país.

**EL.:** Não havia na época, professor, uma certa idéia dentro da Universidade de Campinas de que ela deveria ser partícipe direto do processo de desenvolvimento através da pesquisa científica e tecnológica?

**WAH.:** Isso sim! Isso sim. A participação indireta. Que...

**EL.:** Não, direta.

**WAH.:** Não, direta não. A participação da universidade deve ser sempre indireta. A universidade deve fazer pesquisa, mas pesquisa não com aplicações diretas, aplicações imediatas. Deve fazer pesquisa para que desenvolva o elemento do corpo docente, para que desenvolva o corpo discente também, para que desenvolva os elementos que fazem parte da universidade, discentes ou docentes. Enfim, para que prepare esses elementos para que façam pesquisa dirigida depois que saírem da universidade. Depois que saírem da universidade, aí sim, é que eles devem fazer pesquisa dirigida, pois aí eles vão fazer parte de organizações que têm um objetivo direto. E esse objetivo direto é levar avante uma determinada linha de ação, uma determinada linha de conduta. Aí sim, por exemplo, a universidade desenvolve muito bem seus sociólogos, dá um curso muito bom de sociologia onde ela não especializa num determinado sentido da sociologia. Ela dá uma visão geral de sociologia, mas depois que o aluno tem essa formação universitária bastante ampla e o mais profunda possível, mas também, o mais ampla possível, esse aluno, depois de sair da universidade, aí sim, aí ele vai se especializar e então colaborar para o desenvolvimento da sociedade, interferindo diretamente no desenvolvimento da sociedade. Mas dentro da universidade não, porque senão há uma limitação da conduta. Porque se você tiver na universidade elementos que estão dirigidos numa determinada direção, a tendência desses elementos é aglutinar outros, principalmente se eles têm uma maior facilidade em

aglutinar pessoas, aglutinar alunos; a tendência é aglutinar pessoas em torno deles e isso desvirtua a conduta final da universidade. Essa é dirigida num determinado sentido apenas, o que não é correto, o que não é bom. O que nós achamos hoje que é uma conduta correta, daqui dez anos nós podemos achar que é completamente incorreto. Eu vou citar um exemplo: existiu um médico português que ganhou o Prêmio Nobel, há uns 30 anos atrás mais ou menos, e esse professor, o português, estabeleceu um tipo de operação feita no encéfalo para modificar a conduta de um indivíduo. Então um indivíduo que era muito violento, fazia essa operação e deixava de ser violento, e com isso ele podia fazer parte da sociedade sem maiores problemas. Ele ganhou o Prêmio Nobel por causa dessa operação. Atualmente está demonstrado que essa operação limita enormemente a capacidade mental do indivíduo, e é interessante que essa operação foi feita nos Estados Unidos em milhares... em centenas de milhares de pessoas que hoje estão com a sua atividade... [risos] não tem mais cura, depois que você seccionou o sistema nervoso ele não se recupera mais. Isso mostra que o que não se pode analisar num contexto universal, não se deve ter como linha de conduta única. O que se deve fazer numa universidade então é ter a linha mais geral possível. Deixar a especialização para fora da universidade. Por exemplo: curso de pós-graduação vai ter especialização, aí eu concordo! Uma especialização num curso de pós-graduação. Mas dentro do curso da universidade não deve ter especialização. Na pós-graduação ele se especializa, pois ele já está fora da universidade já é capaz de ele mesmo escolher aquilo que é bom ou é mau para ele.

**EL.:** O senhor acha que, tanto em relação à ensino como à pesquisa científica, tecnológica, a universidade deve guardar uma certa distância?

**WAH.:** Uma certa independência.

**EL.:** Independência.

**WAH.:** Uma certa independência. É claro, ela vai formar alunos de pós-graduação que vão ser pesquisadores e que vão fazer pesquisa aplicada, essa é a função dela. Então através desses alunos ela está interferindo na sociedade. Mas ela diretamente não.

**EL.:** Naquela época não havia uma corrente dentro da universidade que defendia...

**WAH.:** Havia. Havia uma corrente que defendia a interferência direta da universidade...

**EL.:** Essa corrente era predominante ou não?

**WAH.:** Não posso dizer que fosse predominante, mas era uma corrente bem razoável que se fazia sentir bem. Era principalmente constituída pelos professores dos institutos de Filosofia, Sociologia, Política, Antropologia; dos institutos que abrigam essas disciplinas.

**EL.:** Na área tecnológica não? Da área de engenharia?

**WAH.:** Não. Na área tecnológica não. É claro... houve, mas aí foi mais uma coincidência. Houve, por exemplo, a fibra óptica; a fibra óptica foi desenvolvida aqui, mas por quê? Porque vieram pesquisadores que estavam nos Estados Unidos e trabalhavam em relação com esse assunto, eles vieram para cá e aqui eles continuaram a trabalhar no assunto e acabaram desenvolvendo a fibra óptica. Mas acontece que isso foi feito como uma atividade de pesquisa deles sem um objetivo direto; o objetivo era continuar as pesquisas, mas eles não podiam saber se isso ia resultar no desenvolvimento da fibra óptica ou não. O objetivo deles não era a fibra ótica, era trabalhar no sentido do desenvolvimento das pesquisas que eles estavam fazendo.

**EL.:** Professor, qual era sua posição em face da proposta da Unicamp ser uma universidade inovadora em relação ao ensino e à pesquisa? Foi uma coisa muito forte na época.

**WAH.:** Em relação... em que sentido?

**EL.:** Qual é o seu posicionamento em relação a isso?

**WAH.:** Eu acho que a universidade e de uma maneira geral, o ensino não comporta muito a inovação. Nós vemos desde a época de Sócrates, que fazia aquelas preleções em baixo da sombra de uma árvore, até hoje o sistema de ensino permanece mais ou menos o mesmo. São aulas que o indivíduo dá, são conhecimentos que o indivíduo transmite aos outros através de palestras, através de conversas; essa é uma das maneiras de transmitir. Outra maneira de transmitir o conhecimento é através da linguagem visual, ou através de imagens ou através de experiência, de problemas que são desenvolvidos; acho que fora disso a gente não tem muita coisa a fazer. Em relação ao ensino, a experiência que tínhamos de Ribeirão Preto era que nós deveríamos também fazer uma inovação no ensino. Me lembro que, logo no início das nossas atividades lá em Ribeirão Preto, nós começamos a modificar o sistema de ensino da Histologia: ao invés de serem fornecidas aos alunos uma série de conhecimentos, através de uma aula comum, uma aula clássica, nós pedimos para que o aluno se preparasse com antecedência, lesse o assunto e viesse então à sala de aula onde nós discutiríamos o assunto através de perguntas, respostas, e debates. Muito bem! Então, foi escolhido um assunto para isso e foi feito o debate. Nós demoramos no debate quatro horas e chegamos à conclusão de que depois dessas quatro horas o aluno não tinha aproveitado nem a metade daquilo que se dava em uma hora com uma



preleção. Logo esse sistema não era adequado para transmissão de conhecimento, talvez fosse adequado para produzir alguma habilitação do aluno em determinadas áreas, mas não de uma maneira geral. Então, essa transmissão de habilidade se restringiu apenas à determinadas áreas. Quando eu vim aqui para Campinas, diante dessa experiência, eu achei que nós não deveríamos mexer por enquanto nessa situação. Então, aqui foram instaladas inicialmente as aulas, a atividade didática de acordo com o sistema clássico, quer dizer, exposição teórica, aulas práticas. Em relação à histologia é muito fácil dar aula prática, porque o aluno tem um material muito abundante: são aquelas lâminas histológicas onde ele pode ver no microscópio e lá ele aprende a parte prática com bastante interesse, bastante intensidade. Então, não há problema, em relação a aula prática de histologia o aluno aproveita esta prática. Mas em relação a outros cursos já não é a mesma coisa, os outros cursos têm mais dificuldade em dar aula prática. Mas de qualquer maneira eu acho que não há muito o que se inovar em relação ao ensino, em relação às aulas teóricas e aulas práticas. É dentro desse sistema deve ficar, não há muito o que se desenvolver. Houve uma tendência em Brasília de se modificar o currículo do curso, principalmente do curso de medicina, do qual eu tenho mais experiência; se modificou o currículo, se experimentou uma atividade didática completamente diferente. Eles trabalharam nesse sentido durante uns quatro, cinco anos. Abandonaram. Porque não houve resultado, pelo contrário, o resultado foi bastante insatisfatório. De modo que eu acho que aqui não tinha muita tendência em inovar, eu não sei no que a gente pode inovar, o que a gente pode fazer é permitir que o indivíduo que faz parte da sociedade mais próxima, vamos dizer, faz parte da sociedade da região de Campinas possa frequentar a Universidade de Campinas no sentido de aprimorar seus conhecimentos e no sentido de receber novos conhecimentos que não tinha anteriormente. Fornecer palestras, aulas, cursos de especialização, cursos de atualização, enfim, cursos que permitam que o indivíduo já de formação universitária venha fazer, ou mesmo que não tenha formação universitária, mas que tenha conhecimentos suficientes para poder assistir.

**EL.:** Em relação a pesquisa, também, qual é a sua idéia?

**WAH.:** Em relação à pesquisa eu acho que é mais difícil, porque a pesquisa exige uma dedicação total, coisa que o elemento de fora não tem. Então o primeiro elemento: dedicação total; segundo: exige um equipamento geralmente sofisticado, de precisão, equipamento esse que só pode ser manuseado por um indivíduo; todo equipamento sofisticado... Você vê o seu gravador, se você der esse gravador para meia dúzia de indivíduos mexerem, você acaba não tendo mais seu gravador, então isso precisa ser manuseado com cuidado por uma pessoa que saiba usar e geralmente sempre o mesmo. Existem equipamentos, por exemplo, o espectrofotômetro que nós temos aí, esse espectrofotômetro é usado pouco, porque nós atualmente

não estamos trabalhando nesse sentido, então ele é pouco usado. Mas eu evito que pessoas de fora venham usar. Porque? No fim, quando eu vou usar, não serve mais, então ele tem que ser conservado.

**EL.:** Eu estava lhe perguntando sobre aquela idéia que existia na Unicamp da universidade... da Unicamp ser inovadora em relação à pesquisa.

**WAH.:** Pois é! Eu vou chegar lá. Então, você impede que indivíduos de fora venham fazer pesquisa na universidade. O indivíduo que vem fazer pesquisa na universidade, deve ser o indivíduo que faça parte de um curso, se ele for um elemento do curso de pós-graduação a nível de mestrado, a nível de doutorado, esse sim, esse é um elemento que se deve dar toda a facilidade para que ele faça a pesquisa dentro da universidade, mas apenas esse. Você não pode trazer um indivíduo qualquer de fora para fazer pesquisa, porque senão você... então a universidade não pode inovar nesse sentido, ou se ela tentar inovar, pelo menos na minha área... é claro que existem áreas que não exigem equipamentos, por exemplo, uma pesquisa sociológica praticamente não exige equipamento, a não ser um computador, para depois fazer a computação dos dados, o resto ele faz no campo, na sociedade, na cidade. Então, esse pode fazer, qualquer pessoa de fora pode vir fazer, porque ele mesmo já tem o equipamento necessário. Mas na minha área não pode, na minha área ou na área tecnológica, na área de física, na área de química, na área médica e biológica, esse não pode. Tem que ser aluno de pós-graduação, ou talvez de graduação, principalmente de pós-graduação; esse é que deve fazer a pesquisa. Essa pesquisa deve ser sempre orientada por um professor, no sentido que eu disse inicialmente, no sentido de pesquisa geral, sem aplicação imediata, porque pesquisa de aplicação imediata não dá bom resultado. A gente vê que existem algumas pesquisas, inclusive aqui no instituto de biologia, que são financiadas por instituições externas e que têm por finalidade um resultado imediato, e isso dá margem a uma série de resultados, inclusive incorretos, resultados inventados, para que a bolsa possa continuar. No fim isso é contraproducente, isso não é maneira de fazer pesquisa. Eu acho que fazer pesquisa... é o velho pesquisador de trinta anos atrás, não sei se você conheceu, eu agora esqueci o nome. Havia um zoologista que era professor da Faculdade de Agronomia da Universidade Rural do Rio de Janeiro, km 47, um professor de zoologia de lá. Esse professor de Zoologia trabalhou nessa universidade; primeiro ele veio de outra instituição, não me lembro de onde ele veio; mas trabalhou nessa universidade, durante uns 20 anos ou mais, sempre quietinho no seu laboratório, fazendo pesquisa. Ninguém o conhecia, ninguém tinha ouvido falar. Um dia ele ganhou um prêmio internacional como o maior zoologista especializado naquele ramo. Era Lima, não sei o que Lima, qualquer coisa Lima. Ganhou um prêmio internacional; por que? Porque era um indivíduo quietinho, ficava fazendo sua pesquisinha assim e desenvolveu uma coisa de interesse universal.

Esse é o verdadeiro pesquisador! Aquele pesquisador que vive no jornal, fazendo... dando notícias, esse aí [riso] não faz nada.

**EL.:** Professor, tratando do período do professor Zeferino, havia algumas idéias, algumas propostas no sentido da Unicamp colaborar na formação de recursos humanos de que necessitava o processo de desenvolvimento econômico e social do Brasil, e a gente considera... tem que se considerar que naquele período predominou a chamada "ideologia do desenvolvimento"? É uma coisa muito forte, o que o senhor acha dessa proposta?

**WAH.:** Isso eu acho correto. Quer dizer, uma das funções da universidade é formar elementos para que exerçam suas atividades fora da universidade; está perfeitamente dentro da minha filosofia da universidade: a universidade deve realmente formar elementos nesse sentido. É claro, que aí você já está orientando a formação de um grupo de indivíduos, mas não é uma orientação muito limitada, é orientação dentro de uma linha; você vai orientar a formação de elementos que vão atuar sobre o desenvolvimento do Brasil, quer dizer, esse desenvolvimento será econômico, social, sociológico, desenvolvimento cultural, enfim, diversas linhas de desenvolvimento. Isso está perfeitamente dentro do objetivo da universidade, que eu entendo como universidade.

## **FITA 2 - LADO B**

**EL.:** Professor, sobre... em função da mudança na legislação que houve na época: qual era a sua posição? O senhor já comentou, só para repetir. Sobre a proposta de instalação de Institutos Centrais, pois esse foi o projeto da Unicamp, a instalação de Institutos Centrais; e a legislação; o que ela fez na época foi abolir a cátedra em favor do departamento, tendo em vista a melhor formação científica dos alunos.

**WAH.:** Bom, eu sempre fui, pelo menos inicialmente quando eu vim para cá, favorável a essa mudança política, não só em relação ao catedrático como também em relação a um instituto básico. Porque eu achava naquela ocasião que o instituto básico iria congrega uma série de pesquisadores especializados em uma determinada linha de pesquisa e essa congregação iria favorecer o desenvolvimento da pesquisa no Brasil.

Que seja dito de passagem que a pesquisa no Brasil é muito primitiva, muito primária. Nós estamos ainda engatinhando em matéria de pesquisa. Então, com isso poderia surgir um ambiente mais favorável ao desenvolvimento da pesquisa. Eu lutei muito por isso, inclusive naquela época em que se tentava instituir a Reforma Universitária, eu batalhei muito por isso junto com o reitor naquela ocasião, que era o professor Ulhoa Cintra, com o professor Hélio Lourenço Oliveira, enfim, batalhei muito nesse sentido. Achei que era uma ótima iniciativa, mas com o decorrer do tempo eu tive uma grande desilusão porque: primeiro, com a formação dos institutos básicos não houve uma congregação de pesquisadores. Esses pesquisadores se reuniram sob um mesmo teto, mas não se associaram, não se integraram. Então, não se conseguiu com isso obter aquele objetivo, que era a integração dos professores. Segundo, com isso houve um afastamento entre as cadeiras básicas numa determinada escola, como por exemplo a Faculdade de Medicina, as cadeiras básicas da Faculdade de Medicina e as cadeiras clínicas. E com esse afastamento determinou o quê? Determinou a impossibilidade do médico fazer pesquisa, porque o médico geralmente faz pesquisa em relação com a cadeira básica, ele se associa a um professor da cadeira básica ou um elemento qualquer da cadeira básica para fazer determinada pesquisa, isto é, ele vai aprofundar os estudos do médico em relação a uma cadeira básica. Por exemplo, ele vai estudar um problema de infecção em relação com a microbiologia, quer dizer, com a cadeira básica que trata das infecções. E vai estudar um problema de lesão de um determinado órgão, em relação com a histologia, que trata da estrutura, enfim, esse entrosamento é muito importante e com essa organização em institutos básicos acabou-se essa organização. Aqui em Campinas, isso se nota perfeitamente, as teses de doutoramento lá da Faculdade de Medicina são de baixo nível. Por quê? Porque falta justamente o apoio da cadeira básica. E essas que são de nível um pouco mais alto são feitas através da participação de professores de cadeira básica. E a gente nota que... não sei quanto, mas pelo menos uns 30% das teses feitas lá, são feitas com a colaboração de professores de cadeira básica. Isso mostra que há necessidade dessa integração: cadeira básica com a cadeira clínica. Isso acabou com a instalação dos Institutos Básicos. Então, instituto básico não só não trouxe aquela integração que a gente pensava que iria trazer e, além de tudo, acabou com a integração que já existia e que nem se percebia naquela ocasião que essa integração existia. Foi um grande malefício para o desenvolvimento da ciência no Brasil. Isso aqui no Brasil. É claro que em alguns países mais adiantados é possível que isso ocorra com benefício. Mas nesses países mais adiantados o número de pesquisadores e o número de professores, é muito grande. Então, seria possível no Brasil, se instalar instituto básico sem interferir na integração entre cadeira básica e cadeira clínica, se houvesse número de pesquisadores muito grande. Ficasse então, uma parte no instituto básico e uma parte na cadeira básica. Então aí sim, aí se poderia conciliar as duas coisas. Mas aqui não se fez isso. E como tudo que se faz aqui no Brasil, se faz através de uma atitude ditatorial, quer dizer, é esse o regime que

nós vamos fazer, então é esse que vai ser e não pode haver modificação. Isso é muito ruim, porque acho que a gente deve fazer sempre uma tentativa experimental. Como agora nesse plano verão, se estabeleceu um determinado decreto totalitário. Vai ser feito assim, quer dizer, ninguém sabe se isso vai dar certo ou não, pode ser que dê, pode ser que não. Então, vamos experimentar se vai fazer assim. Para experimentar que vai ser feito assim, não precisa fazer inicialmente o congelamento de salário e congelamento de preço. Vamos primeiro diminuir os gastos públicos, vamos primeiro tentar equilibrar as finanças, aí se der certo isso, aí nós vamos congelar. Congelar primeiro um, depois outro, não precisa congelar os dois de uma vez. Para que congelar os dois de uma vez? Se você congelar os preços ninguém vai aumentar salário se o preço está congelado. Não precisa congelar salário, não é mesmo? Eu acho que ninguém vai lutar por aumento de salário quando os preços estão congelados. Pelo menos quando o indivíduo tem bom senso. Porque é claro que é... o que está acontecendo com chofer de praça agora? Estão querendo um aumento de 80% no taxímetro. É um absurdo dentro do congelamento. Outra: aumentarem o ingresso do último jogo entre Vasco e o Fluminense em mais de 100%. Para que? Só para conseguir uma renda maior no jogo, quando isso desprestigia todo um sistema que foi implantado. Não tem cabimento. Então nós não estamos ainda preparados para essas coisas.

**EL.:** Certo. Professor, qual era sua opinião sobre a proposta de centralização e integração das atividades de apoio administrativo e acadêmico, ou seja, a parte de finanças, orçamento, pessoal, compras, controle de matrículas na parte acadêmica, visando maior racionalidade na administração, já que essa era a idéia do professor Zeferino.

**WAH.:** Bom, eu sempre fui contra essa centralização administrativa da universidade porque eu acho que a parte acadêmica de uma universidade não deve ser centralizada e deve fazer parte de cada instituto, de cada faculdade. Quer dizer, cada instituto e cada faculdade tenha a sua sessão acadêmica. O Instituto de Biologia, por exemplo, nós vemos aqui curso básico de Medicina. Então temos que ter uma seçãozinha acadêmica relacionada com o curso básico de Medicina. Temos o curso de Biologia, tem uma seção acadêmica relacionada com o curso de Biologia. Se não acontece o que tem acontecido frequentemente: um aluno é reprovado e você fica sem saber que esse aluno é reprovado. Porque você dá a nota, mas você não sabe o que aconteceu com o currículo desse aluno, pois o currículo desse aluno está feito numa outra seção. Então, quando esse aluno vem a você pedir uma determinada coisa você não sabe se o aluno é aprovado ou reprovado. Pela sua nota ele é reprovado mas pela universidade você não sabe qual foi a conduta. Então você tem que pedir um histórico escolar para saber qual é a condição do aluno. Então fica uma situação extremamente esdrúxula. Como que o instituto que dá o curso, não sabe a situação do aluno. Isso não deve

ser feito dessa forma. Outra coisa que não deve ser feita é uma administração centralizada. Porque eu acho que administração centralizada faz com que essa administração se hipertrofie e no fim ela passa a ser mais importante, pelo menos teoricamente, que os próprios institutos e faculdades. Então fica essa administração com uma função exuberante em relação às faculdades e institutos. Gostaria de dar um exemplo que é bastante característico. Quando eu trabalhava no Departamento de Lepra havia lá um relógio de ponto, onde todos nós batíamos o ponto na hora em que nós entrávamos, e na hora em que nós saíamos. Esse relógio de ponto era controlado pelo diretor do instituto, mas numa determinada época o diretor sentiu que não era aquela uma atividade para ele exercer, então designou uma moça para fazer essa função. A função da moça era todo dia chegar no relógio de ponto tirar a fita ver quem tinha batido e quem não tinha batido. Bom, três meses depois, essa moça se sentiu mais importante que o próprio diretor do instituto. Então, ela controlava todos os indivíduos do instituto; ela se considerava dona do instituto. Por quê? Porque ela controlava o ponto. Quer dizer, isso é uma função administrativa que pode ocorrer também em relação com a universidade. Não pode ser assim, eu acho que a administração deve ser descentralizada de maneira que cada instituto tenha sua administração de modo que ele possa gerir essa administração e impedir que a administração cresça muito. A meu ver, a nossa universidade tem excesso de funcionários administrativos, grandes excessos de funcionários administrativos que poderia ser reduzido se fossem descentralizados.

**EL.:** O senhor acha que aconteceu na Unicamp o fato de ter sido centralizada a administração, criou esse tipo de problema de excesso de poder na administração?

**WAH.:** Criou, sem dúvida que criou. Aliás, isso era bastante característico do professor Zeferino. Não é só aqui que isso aconteceu. Aconteceu em Ribeirão Preto também. O professor Zeferino, embora fosse um indivíduo aparentemente extrovertido, que falava muito e que não sentia medo de nada, que aparentemente lutava - e eu assisti diversas lutas dele de peito aberto - na realidade ele era um tímido e ele tinha necessidade de um apoio por trás do pano. Esse apoio ele tinha nos funcionários administrativos. Então ele fez isso lá em Ribeirão Preto, ele se apoiava na administração. Eu me lembro quando uma vez houve um choque entre o corpo docente e o diretor da Faculdade de Medicina, o professor Zeferino Vaz, em que o corpo docente queria tirar o professor de lá da diretoria; e ele se apoiou em quem? Ele se apoiou na administração. Aqui ele fez a mesma coisa. Ele, quando houve problema - aliás houve mais de um problema em relação a isso, quando mesmo em relação àqueles diretores iniciais - quando houve problema, o que ele fazia? Ele se apoiava na administração. Então para que ele se sentisse apoiado pela administração, ele centralizava a administração e dava excesso de funções, de poderes à administração. Essa é minha interpretação.

**EL.:** Professor, considerando essas últimas coisas que nós vimos nas quatro perguntas anteriores, a questão da inovação em relação ao ensino e a pesquisa; sobre aquela proposta de formação de recursos humanos para o desenvolvimento e sobre a instalação de institutos centrais, abolição da cátedra e sobre esse aspecto da centralização administrativa acadêmica, eu gostaria que o senhor fizesse então esse julgamento. Porque essas propostas todas, conforme o estudo que nós fizemos, eram propostas que apontavam no sentido de fazer da Unicamp uma universidade diferente e moderna. É isso, inovação ao ensino e à pesquisa, o professor Zeferino falava muito isso; a formação de recursos humanos para o desenvolvimento. A questão dos institutos centrais, a abolição da cátedra é feita por legislação, mas ela foi bem-vinda. Essa centralização chamava-se "centralização-integração" das atividades de apoio administrativo e apoio acadêmico. Eu queria que o senhor fizesse um balanço, se isso realmente projetou a Unicamp como uma universidade moderna.

**WAH.:** Sim, realmente. Vamos fazer um pequeno histórico da universidade brasileira. A nossa universidade, a universidade brasileira, praticamente não existe. Existem fachadas, títulos, a universidade de tal lugar. Se você somar existem dezenas de universidades federais e algumas universidades estaduais. Mas essas universidades, se você analisar profundamente cada uma delas, elas não funcionam como tal. São elementos que apenas preparam regularmente uma série de profissionais e soltam esses profissionais na rua. Essa não é só a função da universidade. A função da universidade é um pouco mais profunda que essa. A universidade tem que preparar elementos, mas preparar muito bem e dar a esses elementos um conceito filosófico da vida nacional e da vida humana em geral. E esse conceito as universidades daqui não têm e a Universidade de Campinas tinha por objetivo dar esse conceito. Então era realmente uma inovação. A Universidade de Campinas tinha como inovação ter professores suficientemente preparados no sentido de fornecer uma formação do aluno em relação a determinadas áreas. Isso ocorreu em determinadas áreas. Então sob esse aspecto a Universidade de Campinas era... é, inovadora. Quer dizer, ela foi um pouco mais além do que a universidade brasileira de uma maneira geral, inclusive do que a USP. Porque a USP, embora tenha toda essa fama - eu participei da USP muitos anos, eu sei disso - ela é uma universidade estática e uma universidade onde os professores querem ter o mínimo de trabalho e o máximo de vencimento, não é? E essa mentalidade está se instalando aqui na Unicamp agora. Mas não era assim, a Unicamp tinha um ideal, os professores aqui eram idealistas, eles estavam preocupados com o salário - é claro, todo mundo está preocupado com o dinheiro que tem no fim do mês para pagar as suas contas - mas de qualquer maneira eles estavam muito mais preocupados em desenvolver a atividade didática e atividade científica dentro da universidade do que receber o pagamento. Então, sob esse aspecto, foi uma inovação na Universidade de Campinas e essa inovação é bastante apreciável, isso até repercutiu não só dentro do Brasil como fora do Brasil. Mas se nós compararmos agora a Universidade de Campinas com as universidades de um país adiantado: uma

universidade alemã, uma universidade francesa, uma universidade inglesa, nós vemos que não fizemos nada de mais, nós até estamos numa situação inferior; quer dizer, nós não fomos uma inovação em relação à uma universidade de um país desenvolvido, nós fomos uma inovação em relação à universidade brasileira. Quer dizer, esse é o conceito que eu defendo, do que houve aqui na Universidade de Campinas.

**EL.:** O senhor acha que seria bom a gente parar?

**WAH.:** É, eu estou cansado, sabe aquela dor de cabeça?

**EL.:** Está muito bom. Então nós paramos, eu fiz a décima quarta pergunta. Nós estamos exatamente no meio. Nós podemos marcar um próximo encontro.

**[conversas paralelas]**

**EL.:** O seu depoimento está excelente.

**WAH.:** Eu estou falando coisa que não sei. É capaz de me mandarem embora. **[risos]**

**EL.:** Não, o senhor é estável. Não tem esse...

**WAH.:** Não. Eu estou para me aposentar também, não tem problema.

**EL.:** Mesmo que o senhor não estivesse. Essas coisas... a gente tem todo um cuidado com o tratamento dessas informações, jamais isso ia permitir que isso exponha as pessoas...

**WAH.:** Eu acho o seguinte: se você está fazendo uma entrevista para uma coisa séria, então...

**[o aparelho é desligado – em seguida inicia-se nova entrevista]**

**EL.:** Vamos continuar na segunda parte da nossa entrevista e, antes de reiniciar pela pergunta nº 15 eu gostaria só de... fiz uma revisão naquilo que nós conversamos da outra vez - eu queria apenas retomar a questão nº 9, sobre a sua visão... Sobre o papel da universidade brasileira, em particular da Unicamp, no processo do desenvolvimento do Brasil. Ficou faltando eu solicitar um comentário que era sobre como o senhor consideraria a questão do utilitarismo da pesquisa científica e tecnológica ou seu reverso, ou seja, a geração de conhecimento humano e a criação de ciência e tecnologia devem ou não estar atrelados ao processo de desenvolvimento econômico. De uma certa forma o senhor havia comentado isso. Eu queria que o senhor recapitulasse um pouquinho...



**WAH.:** Pois não. Vamos deixar mais claro, não é? Bom, eu acredito que a pesquisa que deve ser feita numa universidade deve ser uma pesquisa que não deve visar a um objetivo prático, um objetivo imediato. Deve-se ter um objetivo mais teórico do que propriamente prático. Então a finalidade da pesquisa universitária é uma pesquisa básica, é uma pesquisa que vai proporcionar ou desenvolver uma metodologia para ser aplicada futuramente em outras pesquisas, e aí pesquisas de caráter mais aplicado, quer dizer, a pesquisa prática que vai interferir no desenvolvimento tecnológico do país. Então a pesquisa pura, que é a pesquisa que deve ser feita na universidade, é uma pesquisa que não visa esse objetivo, mas tem por objetivo formar ou desenvolver uma metodologia que vai ser aplicada depois nessa fase. Então, eu acredito que se deve desenvolver na universidade uma pesquisa pura, o que a gente chama de pesquisa básica que é aquela que não visa ao objetivo prático. Essa pesquisa básica deve ser feita por pesquisadores que trabalham em tempo integral, que tem um vencimento bastante razoável a ponto de não se preocuparem com a questão de vencimento. Porque uma coisa muito desagradável em pesquisa é que o pesquisador, à medida que vai obtendo resultados, começa a perceber que, diante dos resultados que ele obteve, ele poderá na vida prática conseguir vantagens financeiras muito maiores do que as vantagens proporcionadas pela universidade. Então ele acaba se desvirtuando, acaba fazendo pesquisa aplicada, pesquisa que vai ser usada por indústrias alheias à universidade, isso é uma coisa muito desagradável porque acaba a pesquisa na universidade dessa forma. À custa do desenvolvimento de metodologia feita na universidade, desenvolvem-se métodos tecnológicos aplicados, que vão dar vantagem financeira à indústria e ao pesquisador. Isso deve ser evitado de qualquer maneira, por isso os vencimentos do pesquisador universitário devem ser vencimentos que façam com que ele não cogite de melhora de vencimentos, isso é, não cogite de mudanças da sua situação financeira. Era mais ou menos isso que eu tinha que comentar.

**EL.:** Perfeito. Então vamos entrar novamente na segunda parte. A partir desse momento começa a aprofundar mais a questão da administração universitária. Que é o foco principal da nossa pesquisa. Professor, qual a sua visão sobre a importância da administração universitária como suporte das atividades-fins da Unicamp?

**WAH.:** Está muito bom... está muito bem posta essa pergunta: como suporte das atividades-fins. A atividade administrativa deve ser um suporte das atividades-fins, isto é, uma atividade-meio. Não há dúvida que, essa deve ser a filosofia básica da administração universitária. Enfim, deve proporcionar meios e proporcionar ambiente adequado para que a universidade possa efetuar a pesquisa, o ensino e a relação com a comunidade. Então, diante disso qual é a função da administração? É fornecer todas as oportunidades para o corpo docente da universidade se desenvolver, expandir e ter o mínimo possível de atividade administrativa;

o mínimo possível nos seguintes termos: tudo o que o corpo docente da universidade precisa da parte administrativa, deve ser fornecido espontaneamente pela administração, porque não há necessidade que o professor corra atrás dos seus processos. Há necessidade sim de que a administração informe sempre ao professor o andamento do processo e procure fazer com que ele ande o mais depressa possível, sem que haja preocupação do professor no andamento desse processo. Isso é uma coisa que aqui na Unicamp não se observa; aliás não se observa em nenhuma universidade brasileira, ao contrário das universidades européias e americanas, onde a administração trabalha com o professor. O professor é um indivíduo que tem, não só muito respeito, é muito respeitado, como também é considerado elemento fundamental, primordial na universidade. E é para ele que a administração trabalha. Aqui não, aqui é até o contrário, muitas vezes o professor trabalha para a administração; quer dizer, a administração está numa situação superior a do corpo docente aqui na Universidade de Campinas. E isso não é de agora, isso vem desde o começo, eu me lembro que eu me bati muito quanto a isso e uma das primeiras brigas que eu tive com o professor Zeferino foi exatamente a esse respeito. Ele falava muito que a administração era o meio e não o fim, mas na realidade ele tinha a administração como fim. E a respeito disso eu tive uma briga muito grande com ele a respeito de um diretor que foi trazido aqui para essa universidade e se arvorou como dono da universidade e agia como tal. E eu me revoltei contra isso, inclusive lutei contra isso. Eu não sei se eu vou dizer o nome, não me lembro mais o nome dele.

**EL.:** Ele não está mais.

**WAH.:** Não está mais, ele faleceu já. Esse professor era o verdadeiro dono da universidade, ele fazia tudo o que achava que devia fazer e ninguém podia reclamar; quer dizer, justamente o que não deve ser feito aqui na universidade. Não é só na universidade, acho que com toda instituição pública, a administração deve ser sempre meio e nunca fim, mas principalmente na universidade. Tem mais alguma coisa que você queria que eu falasse?

**EL.:** Continuando, eu gostaria que o senhor considerasse a idéia de que toda organização complexa, e como tal é a Unicamp, ela deve ser administrada de acordo com princípios e padrões de gerência científica, incluindo-se o princípio do planejamento. São princípios que buscam a eficiência e a eficácia da organização. Como, professor Hadler, o senhor julgaria a realidade da Unicamp, de acordo com esses princípios nesse período que nós estamos tratando, que foi o período do professor Zeferino. Se o senhor até pudesse citar exemplos do que havia dentro desses princípios de gerência científica e do que deixava de haver.

**WAH.:** No começo da instalação e do desenvolvimento da Unicamp, a administração era uma seção restrita e cumpria bem o seu papel como atitude que fornecia meios ao corpo docente. Naquela ocasião, funcionava muito bem. Mas à medida que foi se desenvolvendo, a administração foi aumentando, ela foi se tornando mais complexa e mais imbuída do próprio valor, "remplie de soi-même" segundo diz o francês. Mais cheia de sua atitude mais egoísta.

**EL.:** O senhor acha que ela até passou a ser um fim e não um meio?

**WAH.:** Passou a ser um fim. Passou a ser um fim. E isso se compreende por vários motivos: primeiro porque a administração passou a adquirir um valor muito grande para o reitor naquela ocasião porque era nela que ele se baseava. Então ela se valorizou muito e foi valorizada também. Além disso ela se tornou complexa, à medida que se tornava complexa foi aumentando o número de funcionários e a complexidade aumentou ainda mais. Eu acredito que numa administração não pode ultrapassar um certo nível de complexidade, porque senão ela se torna improdutiva e ineficiente. Quando chega numa situação em que o número de funcionários atinge um determinado valor, essa administração deve ser cindida em diversos setores e diversas seções para que possa ocorrer uma maior eficiência e maior coerência entre as diversas seções. E isso não aconteceu aqui.

**EL.:** Professor, o senhor quer dizer então, que aquela idéia inicial do professor Zeferino de centralizar para ser mais eficiente, quer dizer, com o crescimento da universidade ele deveria ter mudado esse princípio.

**WAH.:** Mudado esse projeto inicial, é claro. Porque depois que atinge um certo limite, não deve ser ultrapassado; fica complexo demais, ninguém consegue administrar. Então tem que ser subdividido. Subdividido como? Nós tínhamos na universidade uma série de institutos, uma série de faculdades. Quer dizer, cada instituto e cada faculdade deveria ser auto-suficiente em matéria administrativa. Com isso você retiraria da administração central uma série de problemas, uma série de funções, de atribuições que ficariam distribuídas pelos institutos e pelas faculdades. Atribuições naturalmente relacionadas estritamente com esses institutos e essas faculdades. Tanto relacionadas com as atividades didáticas, como as atividades técnicas, docentes e administrativas, tudo isso relacionado com o próprio instituto. Então, tudo que ultrapassaria o limite do instituto ou da faculdade, isso sim, isso iria para a administração central. Isso seria feita a contabilização, não é bem esse termo, seria feito o tratamento global. Tratamento global na administração central. Então a administração central deveria ser menor, mais eficiente e só trataria dos problemas que ultrapassariam o limite de cada instituto. Quer dizer, essa é a minha noção de organização

administrativa numa universidade. E com isso nós teríamos o que você falou de princípio, quer dizer, com isso nós teríamos uma subdivisão, não haveria uma centralização e sim uma descentralização.

**EL.:** Sobre a questão do planejamento, o senhor considera que havia um sistema de planejamento?

**WAH.:** Não, nunca houve um sistema de planejamento. Nós só podemos planejar alguma coisa em matéria de ensino, em matéria de pesquisa, principalmente em matéria de pe...

### FITA 3 - LADO A - 10/02/89

**WAH.:** ...de ensino você pode planejar o futuro, fazer uma perspectiva de 5, 10 anos inclusive. Dá para se fazer isso perfeitamente. Mas em pesquisa não, porque em pesquisa o que você está pesquisando hoje muitas vezes no ano que vem já não tem mais interesse, não tem mais fundamento, não tem mais necessidade, porque nós, quando nós trabalhamos em pesquisa, nós trabalhamos baseados em alguns parâmetros, em algumas teorias, em algumas hipóteses. E essas hipóteses, com o tempo, elas vão se modificando, à medida que vão sendo feitas novas descobertas as hipóteses vão se transformando. Existem algumas que vão se transformando e algumas passam a se tornar totalmente obsoletas e devem ser mudadas, então não é possível fazer um planejamento. Nós podemos quando muito fazer um planejamento geral em matéria de pesquisa, planejando o seguinte: que essa pesquisa vai continuar, vai se intensificar ou vai se reduzir em determinada hora, área, aumentar em outra área, mais ou menos desse tipo o planejamento. Mas muito sumário, muito geral, porque não é possível fazer um planejamento global e eficiente em matéria de pesquisa. Isso a gente vê facilmente naqueles grandes institutos americanos, principalmente relacionados com pesquisas espaciais que são as mais desenvolvidas...

**[O que você queria? - interrupção por uma pessoa que responde: - Não. Pode ficar.]**

...vê-se que um programa que se estabelece num determinado período, este programa é interrompido e substituído por outro com frequência. Então a programação muda totalmente. E isso acontece em relação a pesquisa universitária também. Então é difícil fazer planejamento. De qualquer maneira eu acho que o planejamento deve ser tentado sempre, porque com o planejamento é que você consegue obter uma continuidade de programação e uma continuidade de subsistência, isto é, da obtenção de verbas para suportar o desenvolvimento da pesquisa. Acho que deve ser feito planejamento, ter pelo menos tentado nesse sentido.

**EL.:** Vamos dizer, nesse período então não havia nenhuma discussão na direção superior da universidade em termos de se planejar atividades de pesquisa?

**WAH.:** Havia sim, inclusive foram criadas diversas comissões de planejamento. Por exemplo, a primeira comissão que se criou foi a Comissão de Planejamento da Cidade Universitária. Mas essas comissões nunca tinham muita força, nunca eram... estabeleciam com muita exatidão aquilo que ia ser efetuado durante o desenvolvimento da universidade. Porque essas reuniões eram feitas, as conclusões eram tomadas, obtidas, mas as conclusões não eram seguidas, nem sempre eram seguidas. Eram seguidas se houvesse coincidência com o ponto de vista da pessoa que iria iniciar aquela obra, mas se não houvesse coincidência elas não eram seguidas. Então houve muita coisa que não cumpriu o que foi resolvido pelas comissões. Eu acredito que um planejamento dessa natureza, é um planejamento que não tem...

**EL.:** E quem não cumpria?

**WAH.:** Geralmente a administração central. Por exemplo, eu me lembro muito bem que logo no início se discutiu quais os prédios que deviam ser construídos na Cidade Universitária. Nós estávamos desenvolvendo uma universidade... é claro que os prédios que deviam ser construídos em primeiro lugar deviam ser os prédios relacionados com os institutos e faculdades. Então foram planejados primeiro o Instituto de Física, o Instituto de Matemática, o Instituto de Química, o Instituto de Biologia ficou para depois, justamente, por minha intenção. Porque eu achei que se fosse construir quatro de uma vez nós não íamos conseguir verba. Então eu deixei o Instituto de Biologia para construir um pouco mais tarde. Então começamos a construir os três Institutos Básicos; muito bem, acontece que alguém da administração achou que devia ser construído também o prédio da administração. Então se desviou verba de construção de prédio de instituto para a construção de um prédio da administração. E esse prédio da administração que podia ser um prédio bastante simples apenas para abrigar as seções administrativas, foi feito um prédio muito mais complicado e que ficou quase que tão caro quanto um prédio de um instituto. Então se desviou verba, quer dizer, uma verba que tinha uma finalidade, foi desviada para uma finalidade completamente diferente e a meu ver sem finalidade, porque a administração pode ser feita em um lugar onde não exijam um prédio... um prédio adequado, um prédio construído especialmente para ela, como acontece por exemplo, com a Química que exige laboratórios especializados, a Física que exige laboratórios especializados. A administração não, a administração exige salas que tenham um certo conforto para quem trabalha dentro delas, mas apenas isso. E no entanto foram desviadas verbas no sentido de que a administração não ficasse sem o seu quinhão na divisão das verbas depois da construção de instituto. Eu acho que isso é um absurdo e que não foi considerado como tal.

**EL.:** O senhor tem alguma lembrança em relação à administração, à parte administrativa da universidade? Se havia alguma espécie de planejamento também, ou a coisa era tocada meio...

**WAH.:** A parte administrativa, não tomei nenhuma parte com ela de modo que eu não posso dizer se havia planejamento. Eu tenho a impressão de que havia algumas pessoas que tinham interesse em planejar, mas eu não sei se foi efetuado esse planejamento.

**EL.:** Professor, qual o seu juízo a respeito do processo decisório na Unicamp, no período que nós estamos tratando, face aos aspectos de participação e do acesso da comunidade universitária a esse processo decisório? Tinha uma outra questão da centralização e descentralização, o senhor já comentou. Então, queria que o senhor visse em termos de participação da comunidade universitária nesse processo decisório.

**WAH.:** Inicialmente não havia praticamente nenhuma participação da comunidade no processo decisório. As decisões eram tomadas de cima para baixo. E geralmente tomadas pelo reitor. A decisão do reitor era intocável. Eu me lembro que até houve uma série de desentendimentos entre o reitor e a Comissão de Ensino. Desentendimento em relação ao contrato de professores. A Comissão de Ensino julgava que a ela cabia a escolha e a análise do curriculum dos professores no sentido de estabelecer o mérito dos professores, para serem ou não contratados. Acontece que algumas vezes o reitor não concordou com essa decisão da Comissão de Ensino e tentou impor o mérito atribuído por ele. Nisso houve um choque até muito grande, choque esse que originou a dissolução da Comissão de Ensino, originou a demissão de diversos professores aqui na Unicamp.

**EL.:** O senhor lembra quando foi isso professor, em que ano?

**WAH.:** Do ano exatamente eu não me lembro não. Eu tenho documentos a esse respeito, inclusive com data e tudo, mas eu precisaria pegar esses documentos.

**EL.:** O senhor lembra de algumas dessas pessoas?

**WAH.:** Ah! sim. Isso eu me lembro bem. O que aconteceu foi o seguinte: um professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que era o diretor do instituto, tinha o seu contrato para ser renovado...

**EL.:** Era o professor Fausto Castilho, não é?

**WAH.:** Fausto Castilho. E esse contrato então foi renovado na Comissão de Ensino, através do parecer de um dos membros da Comissão de Ensino, que foi o parecer do professor Damy de Souza Santos. O professor

Damy fez o parecer e a Comissão de Ensino analisou o parecer; conhecendo o professor. Castilho de suas atividades internas, acatou o parecer, isto é, homologou o parecer e forneceu os dados para que fosse prorrogado o contrato do professor Castilho. Acontece que houve uma interferência: o professor Zeferino Vaz, como reitor da universidade, apresentou uma série de argumentos contrários à prorrogação do contrato do professor Castilho e isso causou um choque entre a comissão e o professor Zeferino Vaz. Esse choque foi se aprofundando progressivamente até um ponto em que houve um confronto de autoridade. E nesse confronto de autoridade, naturalmente o reitor tem mais autoridade que a Comissão de Ensino, isso determinou com que o presidente da Comissão de Ensino, que era o professor Brieger e diversos membros dessa Comissão de Ensino, que eram o professor Damy... [pausa], agora não me lembro o outro quem foi mais. Talvez não possa dizer... e diversos membros que o presidente da Comissão de Ensino... e um membro da Comissão de Ensino, que é o professor Damy, fossem desligados da universidade por esse motivo. E houve uma reunião do Conselho Diretor em que esse assunto foi discutido e a opinião do reitor venceu por maioria de votos, contra os votos dos membros da Comissão de Ensino - pelo menos da maioria dos membros da Comissão de Ensino, que eram os votos do professor Brieger, professor Damy, meu, professor Cilento se eu não me engano; tem mais um ou dois que votaram a favor, o resto tudo contra. Então nós perdemos fragosamente no Conselho Diretor e por causa disso, determinou então a saída do professor Brieger e do professor Damy da universidade. Aliás, foi uma perda muito grande. Ambas as perdas foram grandes e repercutiram negativamente no desenvolvimento da Universidade de Campinas.

**EL.:** Então dá para o senhor ter uma idéia de quando, mais ou menos, quando foi isso? Foi 70, que ano...?

**WAH.:** Setenta e pouco, eu posso ver para você essa data, depois eu lhe dou, porque eu tenho documento a esse respeito, inclusive acho que eu tenho essa argumentação do professor Zeferino se não me engano. Preciso procurar isso.

**EL.:** Professor, até onde ia o seu conhecimento a respeito do processo de alocação de recursos de toda natureza, não só recursos financeiros, mas de pessoal, imóveis, equipamentos, nas diversas atividades universitárias nesse período? O que o senhor conhecia sobre esse processo decisório e como o senhor o qualificaria?

**WAH.:** Não sei se entendi bem sua pergunta. Em relação a compra de material...

**EL.:** É, alocação... eu estou chamando de alocação de recursos, é a contratação de pessoal, docente e administrativo, destinação de verbas para pesquisa, para laboratório, para obras e para equipamentos.

**WAH.:** Nessa época?

**EL.:** Nessa época.

**WAH.:** Inicialmente nessa época cada diretor de instituto ou de faculdade, era o elemento que determinava quais as necessidades materiais ou pessoais do seu instituto ou da sua faculdade. Então eram feitas propostas ao reitor a respeito de material, a respeito de pessoal, tanto pessoal docente quanto pessoal técnico administrativo; eram feitas propostas que o reitor atenderia ou não de acordo com as conveniências, de acordo com as necessidades e de acordo com a possibilidade de verba da universidade. A universidade naquela ocasião tinha verba em relativa abundância e por isso podia atender quase que totalmente os pedidos feitos. E nenhum professor, nenhum diretor de instituto ou faculdade foi exigente demais a ponto de gastar verba que poderia ser fornecida aos seus colegas. Acho que a coisa funcionava muito bem nesse sentido. E o andamento nessa época acho que foi o melhor andamento, a melhor época, o melhor tempo de evolução da Universidade de Campinas nessa época. Evoluiu muito bem, foi de 67 até mais ou menos 73, 74 por aí. Essa foi a melhor época na universidade, onde ainda era pequena, onde se conseguia planejar melhor, se conseguia influir nas decisões dos diversos institutos. Mesmo que não fosse uma influência direta, mas pelo menos harmonizar as decisões dos diversos institutos, então o crescimento foi harmônico e se desenvolveu bastante eficientemente em toda a universidade. Depois é que os problemas começaram a surgir. Quando houve a dissolução da Comissão de Ensino já foi um baque muito grande para a universidade. E isso repercutiu bastante no contrato de professores e principalmente repercutiu na progressão hierárquica dos professores. Porque aqui na Universidade de Campinas, desde o início da instalação da universidade, nós procuramos fazer com que a progressão dos professores se efetuasse principalmente por mérito e não por concurso. Ou também por concurso mas em segundo lugar; a progressão por mérito seria o ponto principal. E dessa maneira a Comissão de Ensino é que dava as normas e também analisava os currículos para julgar o mérito dos candidatos para a progressão na carreira universitária. E com isso se estabelecia uma progressão o mais justa possível e o mais seletiva possível. Acontece que, com a dissolução da Comissão de Ensino, esse critério acabou e houve então uma entrada menos criteriosa de professores na universidade e uma ascensão na carreira universitária menos criteriosa. Nessa época professores que estavam ainda no início da carreira passaram lá para o fim da carreira sem conhecimento da Comissão de Ensino, que aliás nessa época não existia mais. E essa comissão foi recriada novamente porque a universidade percebeu que há necessidade dela. Então foi recriada posteriormente essa mesma comissão, alguns anos depois, acho que já na vigência da reitoria do Plínio; já foi criada novamente a Comissão de Ensino mas já havia passado vários anos e todas as



conseqüências da ausência da comissão já faziam parte da vida da Universidade de Campinas e não puderam ser consertadas mais.

**EL.:** Professor, a que o senhor atribui essa mudança de curso nesta questão? O que teria ocasionado esta mudança?

**WAH.:** Justamente o que ocasionou foi a autoridade do professor Zeferino que não admitia ser dividida com outras pessoas; ele era um indivíduo que se considerava o único capaz de ter idéias que deviam ser seguidas, o que determinou aquela briga com a Comissão de Ensino. Quer dizer, até aquela época a Comissão de Ensino funcionava como um órgão colegiado controlador da Universidade de Campinas. No momento que ela foi dissolvida deixou de existir esse órgão, então passou a funcionar só uma cabeça, a cabeça do professor Zeferino. E uma cabeça numa universidade em organização, em instalação e progressão, uma cabeça só não poderia dar conta de todos os problemas, resolver todos os problemas que apareciam na universidade. Então alguns foram esquecidos, alguns foram negligenciados, alguns foram deixados em plano secundário e esses problemas que acarretaram depois uma série de conseqüências que até hoje nós ainda sofremos. Até hoje nós sofremos conseqüências disso em diversos setores, inclusive uma das conseqüências foi a hipertrofia da autoridade dos professores de nível menos elevado - professores MS-1, MS-2 - a hipertrofia da autoridade desses professores em relação aos professores mais referenciados MS-6, MS-5. Atualmente nós temos na Universidade de Campinas uma inversão: quem realmente domina a universidade são os professores MS-1, MS-2, MS-3. Esses dominam por quê? Porque eles são mais ativos, eles são mais numerosos e eles são mais relacionados com a função administrativa. Enquanto que os professores de categoria mais elevada são geralmente mais relacionados com a atividade de pesquisa, atividade de ensino, mas não são tão relacionados com a atividade administrativa e, principalmente, são menos numerosos - eu acho o mais importante é isso: são menos numerosos. Esse domínio da universidade pelos professores de menor nível, isso é importante porque faz com que toda a universidade gire em torno deles e isso impede que a universidade progrida. Por que a progressão da universidade se dá como? Através de elementos da carreira universitária que atingem níveis mais elevados da carreira e que se destacam dentro das respectivas carreiras. Quando esses se destacam é que vão dar projeção à universidade, projeção não só nacional como internacional e são esses é que vão manter o nível, manter o nome da universidade. Quando esses professores deixarem de existir a universidade passa a decair, passa a se retrair dentro do seu âmbito de ensino, principalmente. É isso que está acontecendo aqui atualmente. A universidade está se retraindo ao âmbito do ensino porque aqueles elementos que podiam se destacar - não todos, alguns elementos que podiam se destacar - deixaram a universidade ou pelo menos deixaram de interferir na progressão da universidade.

Existem diversos professores neste sentido, alguns deixaram de trabalhar porque foram afastados da universidade, mas outros deixaram de trabalhar porque se consideraram desgostosos, se consideraram incapazes de modificar uma situação que eles gostariam de modificar.

**EL.:** Então, esse processo de alocação de recursos, apesar de o senhor ter falado que no período não tinha muito problema porque havia verbas em abundância, o senhor qualificaria esse processo como um processo bastante centralizado.

**WAH.:** Sim.

**EL.:** Bastante centralizado. E o senhor citou que evidentemente era o professor Zeferino, quando reitor, que tomava principalmente decisões, mas haviam mais pessoas que verdadeiramente decidiam sobre a alocação de verbas?

**WAH.:** Sim, claro. Acho que todos os diretores dos institutos e faculdades se manifestavam a esse respeito. Havia um órgão colegiado que a gente chamava de Comissão de Diretores e essa comissão é que resolvia muitos problemas da liberação/alocação de verbas; e eu me lembro que nessa ocasião já começava a haver uma certa preponderância do Instituto de Física principalmente no sentido do consumo de verbas, mas ainda era uma preponderância muito pequena. O Instituto de Física, com a devida necessidade de equipamento, exigia realmente uma verba maior do que os outros institutos. Isso realmente se via, mas havia acordo entre os membros dessa Comissão de Diretores. No momento em que essa comissão foi dissolvida - porque essa comissão foi dissolvida juntamente com a Comissão de Ensino - então o controle da distribuição de verbas dentro dos institutos e faculdades da Unicamp deixou de existir. Era feito apenas por uma pessoa daí em diante, que era o reitor. Então o Instituto de Física teve um progresso, quer dizer, as verbas foram canalizadas quase todas para o Instituto de Física. O Instituto de Física teve um progresso material bastante grande nessa época. E se distanciou muito dos outros institutos.

**EL.:** O senhor considera que isso foi um privilegiamento excessivo ou não? Ou era uma coisa aceitável?

**WAH.:** Não, até certo ponto era aceitável porque o Instituto de Física tinha necessidade e tinha elementos capazes de utilizar esses equipamentos, coisa que os outros institutos eu não sei se tinham, pelo menos alguns. Eu acho que quando há pessoal capacitado e capaz de utilizar o equipamento, eu acho que esse equipamento deve ser realmente doado a um instituto. Mas mesmo assim, eu tenho a impressão de que houve um certo exagero, porque essa canalização das verbas ao Instituto de Física prejudicou o desenvolvimento de outros institutos. Por exemplo, o desenvolvimento do Instituto de Biologia ficou atrasado em relação a isso,

porque uma série de equipamentos que poderiam ser comprados naquela ocasião não foram comprados e nós ficamos num estado que até hoje não conseguimos ainda recuperar esse atraso. Por exemplo, nós precisaríamos de um microscópio eletrônico de varredura, que era um aparelho relativamente barato naquela ocasião. Eu me lembro que havia um que eu fiz um orçamento, bastante acessível, capaz de ser comprado com as verbas comuns que tinha na universidade. Esse equipamento não foi comprado justamente porque as verbas estavam canalizadas para outro setor. E com isso até hoje o Instituto de Biologia não tem um microscópio eletrônico de varredura. Mesmo um microscópio eletrônico que nós temos aqui é um só, que além de tudo é um microscópio que está sempre entrando em defeito. Porque todo instituto que trabalha em pesquisa de microscopia eletrônica deve ter pelo menos três equipamentos em microscopia eletrônica porque a quantidade de defeitos que aparece nesses aparelhos é muito grande e então há necessidade de que esteja sempre um em bom funcionamento e os outros dois em recuperação. E nós temos um só e assim mesmo esse um só já tem vinte anos. Não, não tanto, 20 anos, acho que tem uns 18 anos e é um equipamento que já está inclusive ultrapassado. Já devia ter sido substituído por um outro. E isso vai acontecer em relação a várias coisas; em relação a computadores vai acontecer a mesma coisa. Apesar da universidade ter diversos computadores, estar comprando computadores de uma maneira até bastante... como posso dizer? "De mão aberta", em quantidade bastante grande, mas a distribuição desses computadores não me parece a mais adequada, a mais racional em relação a universidade. E acho que os professores deviam ter preferência para o uso desses computadores; não têm. Então há uma série de departamentos inclusive aqui no Instituto de Biologia que não tem um equipamento para microcomputação. Inclusive eu tenho necessidade de microcomputador, mas tenho necessidade porque eu estou escrevendo um livro e tenho necessidade para escrever esse livro. Então eu comprei um, particularmente. Um microcomputador porque a universidade não me deu e hoje eu tenho dificuldade de manter esse computador porque ele tem um serviço de manutenção relativamente caro e o material que usa é relativamente dispendioso. Tudo isso está saindo do meu bolso, a universidade devia dar para que houvesse uma produção, que é uma produção científica feita pelos seus professores. Eu me desviei um pouco, mas...

**EL.:** Não tem problema. Professor Hadler, uma vez distribuídas as verbas, as pessoas que eram responsáveis pela aplicação desses recursos tinham autonomia para fazê-lo? Ou havia ainda um controle da administração central?

**WAH.:** Havia um controle, porque essas verbas não eram entregues aos diretores de institutos, não. Essas verbas eram apenas requeridas aos diretores de institutos e faculdades. Existe um tanto que pode ser gasto. Agora, como vai ser gasto? Então nós... "Vocês podem fazer pedido de equipamento, pedido de material de

laboratório, droga de laboratório, pessoal. Muito bem! Agora vocês façam esse pedido que a administração central vai comprar". Então o que acontecia? Inicialmente era fácil a importação, de modo que nós conseguimos inclusive importar material. É feito através da Administração Central. Havia demora, às vezes demorava mais de um ano. Geralmente demorava mais de um ano para fazer uma importação, mas de qualquer maneira você conseguia fazer importação. No momento em que começou a haver mais exigência a respeito das importações, e se não me engano através da Cacex, houve mais dificuldade e a importação devia ser feita com mais brevidade. Então, nós nunca mais conseguimos fazer uma importação, porque a nossa importação demorava mais de um ano e o tempo máximo para uma importação de acordo com as regras da Cacex, se não me engano, era de o máximo de um ano. Então nós não conseguimos fazer importação mais e depois disso nunca mais conseguimos, a não ser material que foi doado por instituições alheias à universidade, por exemplo, a FINEP, a FAPESP, o Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq. Verbas doadas por essas à universidade que permitiam uma importação direta através das próprias instituições; assim nós conseguimos obter material importado. Mas da universidade não conseguimos obter material importado. Então, resumindo aquilo que você perguntou: as verbas eram apenas apontadas para os diretores. Mas quem fazia a importação, quem fazia as compras era a Administração Central.

**EL.:** E com isso exercia um certo controle.

**WAH.:** Ah! Controle total!

**EL.:** Total.

**WAH.:** Inclusive inibiam e impediam que fossem efetuadas diversas compras. Às vezes por má escolha do material. Não sabiam escolher, porque os indivíduos não tinham capacidade para efetuar uma compra: compra de material de laboratório é uma compra especializada, exige um conhecimento especializado e geralmente eles não tinham conhecimento especializado. Então qual era o critério? O critério era o preço mais baixo. Preço mais baixo não diz nada porque existe uma série de marcas, uma série de qualidades diferentes e essas qualidades e essas marcas naturalmente influem no preço e o preço mais baixo geralmente nos dá uma qualidade inferior: não é uma economia. Quer dizer, é uma maneira de gastar menos, mas obtendo um material de qualidade inferior.

**EL.:** Professor, só um comentário aí um pouco à parte que me surgiu agora. Essa característica de centralização, de excesso de poder; a nível de cúpula da universidade que é uma coisa, como o senhor falou que, acontece em todas as universidades. A que o senhor atribui esse tipo de coisa?

**WAH.:** Isso vem desde a época do descobrimento do Brasil; não sei se você leu aquele livro Brasil... Brasil, se chama uma história... Eu não me lembro mais, eu sei que é um livro em dois volumes escrito por um americano que fez um apanhado sobre todos os acontecimentos que levaram o Brasil à situação atual. Então ele começa com o descobrimento do Brasil e vai daí afora. É uma análise muito bem feita, ele tem dois volumes, tem mais de 2000 páginas o livro, e ele analisa desde a época do descobrimento. Então essa autoridade que você está citando agora vem desde aquela época. Naquela época, por exemplo, logo depois do descobrimento do Brasil foram nomeados os donos de capitânicas daquelas capitânicas hereditárias.

**EL.:** Donatários.

**WAH.:** Muito bem, esses donatários de capitânicas vinham aqui como donos de tudo, eles é que determinavam. Então começaram a fazer as maiores bobagens possíveis que quiseram aqui, inclusive em relação aos índios. Os índios que inicialmente eram pacíficos - pelo menos alguns deles eram pacíficos - passaram a ser inimigos dos portugueses. Então começou a haver uma guerra entre índios e portugueses, principalmente algumas tribos. Aquelas tribos mais dóceis acabaram se virando para o lado dos portugueses, mas as tribos menos dóceis ficaram verdadeiros inimigos, onde havia verdadeiras guerras. Guerras de morrer milhares de pessoas. Por isso desde aquela ocasião é assim, quer dizer, hoje no Brasil continua a mesma coisa.

**EL.:** O senhor acha que isso é um traço da cultura brasileira, esse autoritarismo...

**WAH.:** É! Você vê por exemplo, o nosso presidente baixou aquelas normas do Plano de Verão. Muito bem, saiu logo hoje no jornal que aquelas normas do Plano de Verão do presidente, onde ele procurava diminuir os gastos públicos, inclusive aquela redução de ministério, ele falou de reduzir 4 ou 5 ministérios. Bom, a nossa câmara de deputados vai novamente reformular essa decisão e vai aumentar novamente os ministérios. Quer dizer, tudo aquilo que o presidente propôs para que houvesse uma diminuição dos gastos vai ser anulado pela ação da câmara. Quer dizer, não entendo essas coisas, todo mundo quer ter autoridade, autoridade máxima, todos querem ser os elementos capazes de resolver o problema de acordo com a sua cabeça. Quer dizer, não pode! O Brasil não pode e nenhum país pode ir para frente dessa maneira. Todo indivíduo deve se considerar, deve se colocar no seu lugar. Todos devem dar palpite, mas todos devem ter limitação nos seus palpites e a atitude deve ser feita comunitariamente, mas de acordo com a hierarquia; quer dizer, cada um tem necessidade, tem aptidão, tem capacidade de agir num determinado nível...

## FITA 3 - LADO B

**EL.:** ...está interessante, para antecipar uma questão, que é a questão 29 sobre o problema da autoridade e da hierarquia dentro da universidade. O senhor acha então que o que se passa na Unicamp, o que se passou nesse período do professor Zeferino em relação à hierarquia, à autoridade tem a ver com essa questão cultural?

**WAH.:** Ah, tem! Sem dúvida nenhuma! A hierarquia na universidade é uma coisa que deve ser muito bem estabelecida [conversa paralela] porque a hierarquia da universidade não deve ser uma hierarquia imposta, deve ser uma hierarquia natural. Quer dizer, aquele elemento que é mais capaz, que tem mais nível de inteligência, mais aptidão, mais capacidade de trabalho, esse deve ser o elemento que deve estar lá em cima. Tem mais cultura, mais experiência, inclusive experiência também é válida. Esse é que vai ficar lá em cima. Naturalmente ele fica lá em cima, porque ele é que vai ser consultado pelos colegas para que ajude a resolver problemas, ele é que vai ser o elemento que vai presidir - vai liderar, não é bem presidir - ele vai liderar uma comunidade científica porque ele é que é o indivíduo que naturalmente é líder. Quer dizer, essa é a hierarquia universitária, é a hierarquia natural. Não deve ser baseada nem em títulos, nem em vencimentos, nem em tempo de serviço, nem em autoridade pessoal. É muito comum isso na universidade, que os indivíduos menos capazes são os que tem mais autoridade pessoal, mas que tem uma personalidade mais forte. Então esses é que procuram dominar e geralmente são os que dominam e é um domínio totalmente prejudicial, quer dizer, isso não deve existir. O domínio não deve existir na universidade, deve existir uma hierarquia como eu disse, natural, de acordo com a capacidade, de acordo com o valor de cada indivíduo. Essa é a forma mais natural de desenvolvimento de uma carreira universitária dentro de uma universidade ou dentro de qualquer instituição ou qualquer órgão colegiado.

**EL.:** A questão seguinte, a nº 21; eu gostaria de saber o seu conhecimento sobre quem eram as pessoas que efetivamente decidiam sobre a admissão de professores e de funcionários, os funcionários de apoio técnico-administrativo e como era definido o número de vagas.

**WAH.:** Bom, o de professores eu posso responder, mas o de funcionários não, porque isso não era por nossa conta. Então eu vou dividir em duas partes. Primeiro a admissão de funcionários: era feita estritamente pela administração e era geralmente o diretor administrativo, naquela ocasião era o Théo, se não me engano, o Théo Borges dos Reis<sup>12</sup>. O Théo é que geralmente resolvia esse problema. Então ele escolhia o funcionário que devia ser admitido ou não admitido, qual é o local que devia ser lotado esse funcionário, enfim, ele é que

distribuía os funcionários pela universidade. Isso era coisa totalmente independente da parte docente que era a que ficava por nossa conta.

**EL.:** Essa pessoa deve ter participado da administração durante um certo período porque depois houve outras pessoas.

**WAH.:** Sim.

**EL.:** O senhor Zuair por exemplo.

**WAH.:** É, o Théo foi antes do Zuair, imediatamente antes do Zuair. Quando o Théo morreu é que o Zuair passou a liderar a administração. O Théo foi trazido pelo professor Zeferino, acho que na época de setenta e... talvez começo de setenta, não tenho bem certo. Foi com ele também que eu tive a primeira briga, porque ele queria impor uma série de coisas, inclusive em relação ao corpo docente, coisa que eu não admitia, então foi a primeira briga. Mas por azar meu, o professor Zeferino deu inteiramente razão a ele e eu fiquei totalmente sem autoridade, inclusive tive que me retirar desse campo, quer dizer, não pude mais interferir nesse campo. Mas enfim, essa é a parte administrativa. Agora a admissão de corpo docente, isso era feito pela Comissão de Ensino. Então a Comissão de Ensino é que recebia dos diretores as necessidades de docentes e os diretores levavam à Comissão de Ensino não só as necessidades docentes como também os currículos dos diversos docentes que eles estavam interessados em contratar. Então a Comissão de Ensino analisava os currículos, verificava se havia ou não conveniência do contrato daqueles professores - conveniência no sentido de que se havia mérito daqueles professores - para que fossem contratados naquelas condições. Geralmente se acertavam as condições, porque como nós não tínhamos ainda uma hierarquia baseada em cargos obtidos por concurso, nós naturalmente considerávamos o nível de acordo com o currículo do interessado. O indivíduo tinha experiência didática, experiência de pesquisa, tinha bastante publicações em pesquisa; então isso tinha um determinado nível de acordo com esse currículo e assim estabeleciam uma determinada hierarquia dentro das contratações. E assim foram feitos os contratos para todos os institutos e faculdades até a época da existência da Comissão de Ensino. Eu me lembro que inicialmente houve muita briga porque havia um diretor que tinha como intenção trazer amigos para cá. Então ele trazia o amigo, não trazia o currículo e fazia uma série de discursinhos elogiando o amigo, mas nada baseado em fatos, e queria que esse amigo fosse contratado e não era contratado porque o Conselho Diretor naquela época não aceitava esse contrato. E houve uma vez uma briga tremenda numa dessas reuniões, através dessa briga que foi instituída, isso foi logo em 67, foi instituída a Comissão de Ensino.

Quer dizer, vamos fazer essa briga na Comissão de Ensino, não no Conselho. Então foi feita a Comissão de Ensino para que lá na Comissão de Ensino fosse estabelecido o mérito, e depois do mérito estabelecido é que era levado ao Conselho Diretor e aí era aprovado ou não de acordo com a maioria, mas geralmente aprovado porque quando levava a comissão para o Conselho Diretor o mérito já estava estabelecido. Então dessa forma nós contratávamos professores de acordo com a categoria de cada um e de acordo com o local de onde eles vinham. Vieram muitos estrangeiros para Universidade de Campinas inicialmente; vinha um estrangeiro que não tinha nem doutoramento - era muito comum, estrangeiro vinha sem doutoramento - mas tinha uma experiência grande, inclusive experiência de pesquisa, bastante publicação. Então nós estabelecíamos um determinado nível para contratação desses professores. E assim nós conseguimos trazer bastante gente muito boa para cá.

**EL.:** Quer dizer que neste ponto a decisão... o senhor considera que era um processo de decisão mais adequado porque era colegiado...

**WAH.:** Acredito. Eu acredito que sim. Porque não era decisão de uma pessoa, era decisão de um colegiado.

**EL.:** Certo. Com relação à fixação de currículos, como era o processo de fixação?

**WAH.:** Currículos de diversos cursos? Ah, bom, isso cada diretor tinha inicialmente liberdade de estabelecer o seu currículo. Do currículo do curso que esse instituto ou essa faculdade iria ministrar. Bom, algumas faculdades aqui, como a de Odontologia de Piracicaba por exemplo, já tinha o currículo estabelecido de acordo com normas que eles vinham executando já há alguns anos. Outras não, outras foram iniciadas. Então nessas os currículos foram feitos de acordo com as conveniências e de acordo com o ambiente das universidades brasileiras. Então eu vou citar um exemplo que eu acho que diz bem a respeito; quando nós fomos instalar o currículo do curso de biologia aqui do Instituto de Biologia, existia uma série de cursos de Biologia em diversas universidades brasileiras, mas nós achamos que nenhum desses cursos satisfazia plenamente aquilo que nós queríamos ter como biologista da Universidade de Campinas. Então nós fizemos uma série de reuniões para as quais nós trouxemos professores de pelo menos umas dez universidades brasileiras, professores de biologia de diversas disciplinas e fizemos umas cinco reuniões. Depois dessas cinco reuniões foi estabelecido então o currículo do curso de Biologia para a Universidade de Campinas. Aliás foi um currículo até bastante severo. Eu acho que foi o melhor currículo que nós tivemos aqui. O indivíduo que saía do curso de Biologia do Instituto de Biologia da Universidade de Campinas era um indivíduo que tinha um conhecimento mais ou menos profundo a respeito de Biologia. Era um curso muito bem feito, mas os alunos não agüentaram, os alunos começaram a reclamar, então o curso foi



progressivamente abrandando o seu currículo. Atualmente ele já está talvez a menos da metade do que era inicialmente. Quer dizer, abrandou a menos da metade, mas mesmo assim ainda é um currículo razoável. Mas então, o currículo, nós fazíamos pensando sempre que a Universidade de Campinas era uma universidade que devia se salientar entre as universidades brasileiras; se salientar não só pela condição de pesquisa, como pela condição de ensino: quer dizer, promover uma série de alunos, isto é, preparar uma série de alunos para que eles caindo no mercado de trabalho pudessem se sobressair em relação aos outros. E realmente foi o que aconteceu, os primeiros alunos do curso de Biologia se sobressaíram em relação aos outros e conseguiram cargos muito bons que ocupam até hoje. Não sei se eu consegui responder.

**EL.:** Sim, está ótimo.[pausa] Qual a sua avaliação sobre o papel do corpo discente no processo decisório de um modo geral, ainda nesse período? Havia alguma participação?

**WAH.:** Não, o corpo discente, nós temos que considerar uma preliminar em relação ao corpo discente. Nós aqui no Instituto de Biologia recebemos dois tipos de corpo discente. Um são os alunos que vêm aprovados para o curso de Medicina, são os alunos que têm o vestibular muito puxado, muito severo, vamos dizer melhor, que exige uma grande dedicação, um grande esforço dos alunos. E outro são os alunos que vêm para o curso de Biologia, cujo vestibular já é muito mais fraco, exige muito menos, não só Biologia como Enfermagem também, exige muito menos. Então é um aluno de outro nível. Então nós temos alunos de dois níveis, aluno do nível da Medicina, que é um nível bem mais alto, aluno do nível de Biologia que é bem mais baixo.

**EL.:** E nas outras áreas de humanas, exatas, como o senhor...

**WAH.:** Bom, eu já vou chegar lá. Mas então, em relação a esses de Biologia, para você fazer participarem os alunos da administração universitária, enfim, participar da comunidade universitária, você teria que fazer uma certa divisão. Isso foi feito inicialmente e deu problemas aqui dentro, inclusive problemas que não repercutiram muito fortemente no Instituto de Biologia porque depois foram progressivamente amortecidos. Mas inicialmente foi um problema muito grave, porque houve um confronto entre os alunos da Medicina com os alunos da Biologia. E esse confronto iria provocar uma cisão dentro do Instituto de Biologia. Muito bem, então devido a isso, a participação dos alunos da Medicina aqui na Biologia foi relegado a um plano secundário. Coisa que devia ser feita em sentido contrário, mas foi relegado justamente para não haver essa interferência. E a participação dos alunos de Biologia foi muito fraca. Inclusive, deu até má impressão em relação às primeiras manifestações dos alunos de Biologia: eram infantis, alunos que não tinham maturidade ainda suficiente para poder participar de uma reunião de professores. Mas, de qualquer maneira, sempre se

procurou fazer com que os alunos participassem aqui no Instituto de Biologia das resoluções da universidade. Participassem como? Fazendo com que eles participassem dos órgãos colegiados. Então eles participavam primeiro do Conselho Interdepartamental. Depois tivemos a Congregação e os alunos participavam tanto do Conselho Interdepartamental quanto da Congregação. Mas uma participação pequena, era um ou dois alunos que participavam do colegiado, então não era uma força... uma força votante; era apenas uma força que apenas se manifestava, tinha direito a voto, a voz e que recolhia as observações que se desenvolviam durante as discussões e as resoluções que eram tomadas pelo Conselho. Mas isso, mais tarde foi modificado porque os alunos passaram a entender que eles iriam interferir de forma a influir na votação. Então começou-se a se pensar em maior número de representantes e atualmente já é um número muito maior de representantes. Mas de qualquer maneira, um aluno nunca pode influir na decisão por votação, que de qualquer maneira eles constituem uma minoria, mesmo que eles exijam um número maior, mas são minoria. E em segundo lugar, que eu acho que é o principal, eles não estão em condição de resolver assuntos que outras pessoas que fazem parte do Conselho, que além de estarem em maior número, tem mais experiência e mais capacidade de resolver. Então o que os alunos devem é manifestarem-se para que o interesse deles não seja prejudicado; mas nesse sentido sim, mas não influir diretamente numa votação, acho que não deve ser essa a função dele. Bom, isso aconteceu em relação aos alunos e aconteceu também em relação aos funcionários. E isso aconteceu não só em relação aos órgãos colegiados do instituto como também os órgãos colegiados da própria universidade. Aconteceu a mesma coisa com o Conselho Diretor. Houve uma época em que até foi muito desagradável esse "entrechoque" porque os alunos - naquela época os alunos só, porque os funcionários até entraram mais tarde, naquela época não se manifestavam. Mas os alunos naquela ocasião começaram a exigir coisas que eles não podiam exigir e que nem estava a altura deles exigir. Mas não é o fato deles exigirem que essa exigência podia ser naturalizada. Mas eles agiam de tal maneira nas reuniões do Conselho Diretor que as reuniões ficavam difíceis de a gente tolerar. Ficavam reuniões extremamente desagradáveis, extremamente nocivas até, e muitos assuntos que podiam ser resolvidos pacificamente, facilmente passavam a ser discutidos com participação emotiva de diversos participantes e isso deixava as reuniões extremamente desagradáveis.

**EL.:** Isso ainda no período do professor Zeferino?

**WAH.:** Zeferino ainda. É no fim do período do professor Zeferino.

**EL.:** Sim. O senhor acha que isso tinha alguma relação com a situação política?

**WAH.:** Tinha, claro. Sempre houve relação com a situação política. Na época em que a Revolução de 64 passou a dominar a política brasileira, a docilidade dos alunos era formidável. Quer dizer, naquela época nós é que sugeríamos aos alunos que deviam se manifestar, à medida que essa autoridade foi diminuindo é que os alunos foram se considerando em condições de dar mais opinião e principalmente foram considerados como indivíduos menosprezados e tem uma outra palavra que é melhor, é excessivamente coagidos, tolhidos. Então eles começaram a se revoltar contra isso. E essa revolta é que deu origem a essa situação. Que essa situação foi de revolta contra a situação política atual... daquela época.

**EL.:** O senhor tocou aí na questão do Conselho Diretor, até o tema da pergunta 24. Como o senhor via o funcionamento do Conselho Diretor em si e das comissões internas? O Conselho Diretor tinha 3 comissões... tem ainda: Orçamento e Patrimônio, Legislação e Normas e Serviço Social. Como o senhor via o funcionamento do Conselho, dessas Comissões em termos de autonomia?

**WAH.:** O conselho tinha uma função muito importante que era função integradora dentro da universidade. Mas as comissões - eu participava de várias delas - nunca funcionaram. A Comissão de Orçamento e Patrimônio - eu fiz parte dessa comissão uma porção de anos - o orçamento só chegava nas mãos da comissão para que ele fosse assinado para que no dia seguinte fosse apresentado ao conselho. Então ele já era apresentado como um fato consumado e além de tudo impossível de ser analisado num período tão curto. Então a comissão era fictícia. Eu me lembro que uma certa ocasião, essa comissão se revoltou, se rebelou contra essa atitude, com essa de ser chamada assim nessa fase final e resolveu não atuar, não aprovar, não assinar, o orçamento feito. Bom, o que aconteceu é que retardou a reunião do Conselho Diretor por uma semana, mas acabou sendo assinado, porque se a comissão não assinasse, o orçamento não era executado. Não era executado, não. Não era levado a conhecimento das autoridades superiores, isto é, do Secretário da Fazenda, etc. Então quem ia perder com isso era a própria universidade; então nós resolvemos fechar os olhos e assinar. Enfim, isso é para demonstrar que essas comissões nunca funcionaram como acontecia em relação à Comissão de Orçamento e Patrimônio, acontecia em relação às outras comissões que não funcionaram, não tinham nenhum sentido.[pausa] Ah! Deixa eu acrescentar uma coisa: eu acabei achando que a nossa Comissão de Orçamento não se manifestando... não tinha autoridade para se manifestar por falta justamente de indivíduos capacitados para manifestação. Porque a nossa comissão era formada por indivíduos que não eram economistas, que era o professor Tosello era eu e o terceiro elemento que eu nem me lembro mais qual era, mas também não era economista. Então nós sugerimos que a Comissão de Orçamentos do conselho passasse a ser formada por economistas. Essa decisão foi aceita e o conselho passou a escolher economistas para colocar na Comissão de Orçamento e Patrimônio. O desempenho da

comissão continuou o mesmo, porque a comissão não tinha oportunidade de se manifestar da mesma maneira. Porque o defeito não era da comissão, o defeito era de outra origem.

**EL.:** O Conselho Diretor tinha também subordinado a ele as Câmaras de Ensino, Pesquisa e a Câmara Curricular. E como funcionavam essas câmaras?

**WAH.:** Bom, a Câmara Curricular foi a que melhor funcionou durante determinado tempo porque é a que tinha maior autoridade. Maior... porque o professor Zeferino dava muita autoridade ao desempenho didático dos professores, ele não interferia muito no desempenho didático. Então em vista disso a Câmara Curricular desempenhava suas funções sem muita interferência da Reitoria e conseguiu estabelecer uma série de normas, uma série de critérios que até hoje, a maioria deles, são critérios seguidos. A única coisa que eu acredito que a Comissão da Câmara Curricular tenha se desviado um pouco foi em relação às universidades, às universidades federais, em relação ao Conselho Federal de Educação; porque sempre as universidades estaduais de São Paulo tiveram uma independência em relação ao Conselho Federal de Educação, em relação ao governo federal. Independência não só política como independência financeira. Nossa universidade era mantida pelo governo estadual, portanto devia ter realmente independência política mas não sei porque a comissão, a Câmara Curricular achou que nós devíamos nos subordinar às normas do Conselho Federal de Educação. Isso trouxe uma certa inquietude dentro da Universidade de Campinas, inclusive em relação a currículo. Currículo que nós tínhamos estabelecido com base nas melhores condições da universidade foram substituídos às vezes por currículos bastante inferiores para seguir as normas do Conselho Federal de Educação, coisa que eu acho absurdo. Acho que não... nunca se devia ter tomado essa atitude.

**EL.:** E com relação à Câmara de Ensino e Pesquisa ela também...

**WAH.:** Câmara de Ensino e Pesquisa a meu ver nunca funcionou. Nunca houve nada. Acho que nem existia essa câmara, só existia no papel. Tenho a impressão que nunca foi nomeada uma Câmara de Ensino e Pesquisa.

**EL.:** Professor, a questão 26 diz o seguinte: supondo que a Unicamp ao ser criada tinha plenamente definidos os seus objetivos institucionais em função das necessidades diagnosticadas nas suas áreas de atuação, como o senhor avaliaria os resultados alcançados ao final desse período do professor Zeferino Vaz, em relação àquilo que foi pensado e o que foi de fato realizado? E os recursos, todo o investimento feito na construção da universidade, eles foram devidamente alocados?

**WAH.:** Bom, os resultados, a meu ver, durante esse período do professor Zeferino foram muito bons. Porque nós conseguimos sair do nada, do zero. Nós começamos em 63 e não tinha nada, nem local para funcionar e passamos a... quando da saída do professor Zeferino que foi mais ou menos em 70, não é? Quando saiu?

**EL.:** Ele saiu em setenta e...oito, não é?

**WAH.:** 78? Nossa, foi bastante tempo. Mas, enfim, durante todo esse período, 78, está certo! Nós passamos então do zero até a uma universidade bem instituída, bem constituída. Uma universidade que tinha uma série de institutos básicos bem formados, uma série de faculdades bem formadas, o número de alunos já bastante razoável, cursos todos eficientemente planejados, eficientemente constituídos. Eu tenho a impressão que passamos então para uma universidade que devia ser considerada como tal, aliás era considerada como tal. A atividade de pesquisa era bastante razoável, tanto que a Universidade de Campinas se projetou no mundo todo; quer dizer, o mundo todo passou a conhecer a Universidade de Campinas; então eu acredito que os resultados obtidos foram muito bons em relação tanto à parte de ensino como em relação à parte de pesquisa. E nessa época se constituiu... foram constituídas uma série de laboratórios que estavam equipados, adequadamente equipados, para desenvolver uma série de atividades de pesquisa bastante interessantes não só no Instituto de Física, como também no Instituto de Química, mesmo no Instituto de Biologia, no Instituto de Matemática, inclusive com pessoal dotado de currículo com bastante mérito, capaz de desenvolver atividade de pesquisa dentro desse instituto. Realmente foi o que aconteceu e atividade de pesquisa tinha um potencial bastante grande nessa época do professor Zeferino até 78, potencial esse que se deslanchou durante os anos posteriores. Então eu acho que foi bem aproveitado. Quanto à alocação de recursos, é claro que sempre há defeitos. Não é possível você conseguir uma alocação perfeita. Isso inclusive em sua casa, você fazendo um planejamento orçamentário o melhor possível, de vez em quando você comete um engano, de vez em quando a gente compra uma coisa que não é aquilo que você queria, não é? E gasta uma coisa que se arrepende porque não estava bem de acordo com aquilo que você planejava. Estas coisas vão ocorrer, mas muito poucas em relação ao grosso. Então eu acho que foi uma aplicação de verba bem razoável, bem racional, que deu origem a esse desenvolvimento bom da Universidade de Campinas.

**EL.:** Professor Hadler, se o senhor fosse fazer uma avaliação sobre o papel político, vamos dizer assim, em termos de política universitária interna, dos docentes e também do pessoal que trabalhava mais na parte burocrática, docentes e não docentes, nesse processo decisório de construção da Unicamp, eu queria que o senhor comentasse os seguintes aspectos... um eu acho que o senhor já comentou que seria a autonomia versus a dependência em relação ao poder superior - o senhor considerou bastante que havia uma

dependência muito grande em relação à direção superior da universidade. Ora, em termos de visão crítica versus indiferença, como o senhor classificaria o papel dos docentes, do pessoal da burocracia?

**WAH.:** Você diz em relação a docente e administração também?

**EL.:** É, administração. Sejam docentes e não docentes.

**WAH.:** Ah! Docentes na administração!

**EL.:** É, e não docentes também.

**WAH.:** Eu acredito que indiferença em relação aos docentes eu nunca vi. Porque toda pessoa, todo indivíduo que se dedica a uma profissão universitária, quer dizer, se dedica à carreira universitária é um indivíduo que tem um idealismo. Porque só um idealista é capaz de se dedicar a esta profissão. Porque não é uma profissão economicamente rendosa, não é uma profissão que permita muitas horas de lazer. Até o contrário, é uma profissão que exige muito do indivíduo, muita dedicação e os vencimentos são poucos. Quer dizer, em relação às atividades fora da universidade. Então todo indivíduo que vem para carreira universitária é um indivíduo que tem um ideal e todo indivíduo que tem um ideal não fica bem indiferente diante de uma universidade. Então todos eles se manifestaram. Agora, se manifestaram mais intensamente ou menos intensamente. É claro que aqueles que se manifestaram mais intensamente são os elementos que acabaram liderando as diversas seções; e justamente o mal que existe na universidade é que não se considera para que exerça a atuação de líder aquele elemento que é mais capaz. O líder é aquele que é mais ativo e nem sempre ou geralmente até o mais ativo não é o mais capaz. Então isso traz um problema para a universidade. Não é só para a universidade, isso ocorre em toda manifestação, colegiado, em toda manifestação onde mais de uma pessoa faz parte, em todas elas ocorre a mesma coisa. Quer dizer, o indivíduo que é mais ativo é o que tenta liderar pelo menos inicialmente e geralmente consegue porque ele consegue dominar os elementos menos ativos. Agora, na universidade isso é muito importante porque o mais competente é o que deve liderar, o mais competente não é sempre aquele que tem o título mais elevado, não! O mais competente é aquele que tem mais capacidade de se desenvolver no futuro. Quer dizer, mais força inercial, é capaz de ir para frente com mais presteza e com mais profundidade. Isso nem sempre é fácil de você determinar, de você identificar numa pessoa. Às vezes você consegue ver, você vê uma pessoa que é um indivíduo tímido, que fica quieto numa reunião, mas na hora em que ele se manifesta, ele se manifesta com profundidade e com eficiência e com adequação. Então, esse indivíduo é o importante, mas ele geralmente está quieto, geralmente não se manifesta. Então ele é ultrapassado pelos elementos mais ativos que se manifestam com

mais facilidade. Essa escolha da liderança real, da liderança normal, da liderança natural, essa é que é difícil na universidade. Mas essa é que deveria ocorrer. Eu não sei se eu respondi.

**EL.:** Respondeu sim. Ainda analisando o comportamento do conjunto de docentes; como o senhor analisaria a atitude deles em relação ao que eu chamo de atitude progressista versus atitude conservadora.

**WAH.:** Hum!

**EL.:** Acha que o corpo docente da Unicamp sempre teve uma atitude progressista ou mais conservadora?

**WAH.:** Aí é difícil... a gente... vamos primeiro definir o que é progressista...

**FITA 4- LADO A - 10/02/89**

**WAH.:** ...como é que?... Com o paternalismo das massas esse é o progressista. Então é aquele que tem uma atitude paternal em relação às massas, principalmente às massas menos favorecidas, então esse é o funcionário progressista. Eu não acredito que isso seja progressista, progressista é aquele que gera o progresso, o que gera o progresso não é aquele que tem atitude paternalista para com as massas. O que gera o progresso é aquele que faz com que coisas que estavam em situação ainda não aparente, ou pouco aparente, passe a se manifestar com mais intensidade e passe a atuar sobre a sociedade, esse é que é o progressista verdadeiro. Mas não é isso que se considera hoje. Então nós não podemos discutir o progressista e o conservador. O que é o conservador? Conservador é aquele que admite que as coisas estão boas como estão. Deixa como está para ver como fica. Eu acho que também esta atitude não está certa, mas acho que ninguém é assim "deixa como está para ver como fica". Acho que todos nós queremos que a coisa se modifique, e se modifique de uma maneira a haver um aperfeiçoamento cada vez maior. Quanto maior o aperfeiçoamento de uma determinada coisa, mais benefício traz a cada um de nós. Então todos nós somos progressistas no final das coisas. Que nós queremos ter, por exemplo, maior número de horas de lazer, maiores vencimentos, maior possibilidade de fazer pesquisa, maior possibilidade de executar ensino, mas desde que os alunos recebam os ensinamentos e aproveitem esses ensinamentos recebidos. Quer dizer, tudo isso é o progresso, todos nós pensamos dessa maneira, acho que não há nenhum professor na universidade que não pensa dessa maneira, então todos são progressistas. Agora, alguns são progressistas no sentido de como se define progressismo atualmente, isto é, no sentido de paternalismo de massa. Outros são progressistas no sentido mais próprio do termo, quer dizer, mais relacionados com...

**EL.:** Como é que o senhor conceituaria dentro da universidade o que é ser progressista e o que é ser conservador, na sua visão? Dentro da universidade!

**WAH.:** Eu não acredito que haja ninguém conservador dentro da universidade. Eu acho que todos os professores da universidade são progressistas. Porque todos têm um ideal. Todos querem que essa universidade se distinga em relação às outras. Então isso o que é? É o progresso! Então, eu acho que não existe conservador. Agora existem aqueles progressistas que querem que o progresso seja efetuado de uma maneira mais lenta, mais de acordo com as normas vigentes da sociedade, mesmo normas legais vigentes. Então, esses podem ser considerados conservadores. Mas na realidade não são conservadores porque eles



são indivíduos que querem um progresso mais de acordo com as normas vigentes. Mas todos eles, acho, querem progresso, não existe ninguém...

**EL.:** Está bom.

**WAH.:** ...e retrocesso, principalmente, ninguém quer. Hoje se fala muito em retrocesso. Ontem mesmo eu estava vendo um programa de televisão; uma moça falava em retrocesso, mas depois que ela falou alguma coisa a respeito de retrocesso eu percebi que ela não sabia o que era retrocesso. Apenas falava porque [riso] ouviu falar, ouviu o termo. Mas ela não sabia o que era retrocesso. E hoje esse erro é muito comum - se falar em retrocesso hoje. Retrocesso em relação a uma série de coisas, não é? Nós estamos num retrocesso. Retrocesso do que? Quer dizer, retrocesso é voltar para trás, não é? Nós não podemos voltar para trás, o mundo não caminha para trás, o mundo caminha sempre para frente. Como é que a coisa vai voltar para trás? Não é possível, só existe isso naqueles filmes de...

**EL.:** Ficção.

**WAH.:** Ficção. Onde você consegue com a máquina do tempo. Bom aí sim, isso é retrocesso.[riso]

**EL.:** Professor, faz parte da visão crítica da política, chamada política universitária... muitas pessoas que criticam, analisam a vida da universidade e tal... a existência de classes. Faz parte da sua visão sobre a Unicamp a existência de classes?

**WAH.:** Não. Eu acho que classe não deve existir em lugar nenhum. A não ser na Índia. Mas classe é uma coisa extremamente desagradável. Eu fiz parte da Faculdade de Ensino de Ribeirão Preto logo no começo do funcionamento, onde o professor Zeferino estabeleceu uma série de classes - era uma coisa feudal - na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Aliás, uma coisa que eu sempre combati e que continuei combatendo aqui também em relação a ele. Lá nós entrávamos na Faculdade de Medicina - existia uma entrada pelo portão principal depois tinha uma estrada ladeada a um açude, uma represa, e depois subíamos para o prédio principal da faculdade. Do lado direito desse prédio estava a residência dos professores, então a ala dos professores, do lado esquerdo estava a ala dos assistentes e bem embaixo, num conjunto lá embaixo, estava a área dos funcionários administrativos e dos técnicos. Então, ali estavam perfeitamente estabelecidas, não só teoricamente como geograficamente, três classes perfeitamente estabelecidas lá dentro da Faculdade de Ribeirão Preto. Isso causou problemas terríveis em relação à faculdade porque não há dúvida que um professor titular que tem mais experiência deve ser um indivíduo mais considerado que um professor assistente que é um indivíduo que ainda está se formando, está fazendo seu currículo, mas isso não

impede que os dois pertençam à mesma classe, à mesma categoria. Apenas um é mais diferenciado, outro é menos diferenciado, mas os dois fazem parte da mesma categoria. Se você considerar agora um professor e um funcionário administrativo, eu também não vejo motivo para que um pertença a uma classe e outro pertença a outra. Não, um tem uma atividade diferente do outro, mas a classe é a mesma. Acho que não há motivo para se colocar em duas classes, então classe nunca deve existir numa instituição, principalmente numa universidade. Numa universidade não deve existir classe de jeito nenhum.

**EL.:** O senhor acha que na Unicamp isso não aconteceu?

**WAH.:** Aconteceu! Aconteceu sim. Aconteceu que com essa forma da administração se julgar capaz de resolver os problemas administrativos da universidade em detrimento da carreira docente, começou a haver uma separação: a classe administrativa começou a se separar da classe docente. Durante a gestão do professor Zeferino Vaz a separação era total. Eu me lembro uma vez que houve uma reunião na Reitoria e que iriam participar dessa reunião os diretores da Universidade de Campinas. Então, apareceram nessa reunião o diretor do Instituto de Química, o diretor do Instituto de Física, o diretor do Instituto de Biologia, e apareceram os diretores administrativos, o diretor da Seção de Pessoal, o diretor da Seção Financeira. A reunião não aconteceu, porque os diretores dos institutos universitários não admitiram igualdade de condições com aqueles diretores administrativos. Então, enquanto os diretores administrativos não saíram da sala a reunião não começou. Eu acho que isso é uma coisa absurda, quer dizer, é claro que naquela ocasião isso foi feito de propósito, porque a reunião iria ser feita sobre um assunto que os diretores administrativos nem conheciam, quer dizer, não deviam participar mesmo. Mas não é por isso que devia ser impedida de se efetuar a reunião por causa de classe, porque aí foi uma manifestação de classe. Eu acho que é um absurdo isso. Quer dizer, o que devia se dizer é o seguinte: "não, vocês são diretores como nós somos, mas a função que vocês exercem é diferente da nossa. O assunto que nós vamos discutir não tem relação com o que vocês fazem, tem relação com o que nós fazemos, então, nós é que vamos fazer a reunião". Mais não, aquilo lá foi classe. Então eu acho um absurdo. E quando existe essa classe começa haver entrecosques de classe; isso aí destrói qualquer instituição. E aqui na Universidade de Campinas iria ser destruído se não houvesse uma tendência à modificação principalmente agora. O Paulo Renato<sup>13</sup> que está modificando isso. O Paulo Renato está colocando inclusive professores em diversos cargos administrativos, não é? E com isso ele está amenizando essa separação. Eu acho que ele está tendo uma atitude muito boa nesse sentido.

---

<sup>13</sup> Paulo Renato Costa Souza, reitor da Unicamp de 18.04.1986 a 18.04.1990 -

**EL.:** A sociedade brasileira tem uma diferenciação de classes e o senhor vê alguma relação dessa situação que existe na sociedade, dentro da universidade. Nesse período houve alguma influência... Se há alguma diferenciação entre o corpo docente e os professores se diferenciam entre si em função de pertencer a essa ou aquela classe.

**WAH.:** Isso não. Dentro da classe docente não. Existe uma certa relação entre as classes, que ocorre na sociedade brasileira e os elementos que fazem parte da Universidade de Campinas. Por exemplo, os elementos que fazem parte da categoria de professores, da classe docente, são geralmente pessoas que vêm das classes mais elevadas da sociedade: são indivíduos que tiveram oportunidade de estudar melhor, com mais facilidade, mais possibilidade de estudar e acabaram fazendo parte da carreira docente; os indivíduos que fazem parte dos cargos técnico-administrativos são indivíduos de classes sociais mais baixas, que não tiveram a mesma oportunidade. Às vezes acontece diferente, às vezes um se destaca lá. Eu nunca me esqueço, nós tivemos aqui diversos técnicos no Instituto de Biologia que resolveram fazer vestibular de medicina, entraram, se formaram e hoje são médicos de grande prestígio, quer dizer, eles tiveram a oportunidade aqui dentro. Aliás foi uma coisa que eu sempre fechei os olhos: funcionário que quer estudar, quer fazer curso superior, feche os olhos e pronto! Deixe ele fazer o curso. Faz o que é possível aqui dentro mas não exija nada dele, mais do que aquilo que ele pode fazer, porque vai ser um elemento muito mais útil para sociedade do que se ele ficar aqui dentro com cargo técnico. Isso aconteceu com diversos aqui, saíram daqui pelo menos uma meia dúzia que eu me lembro agora. Então existia realmente uma certa correlação entre as classes sociais da sociedade brasileira e a distribuição dos elementos dentro da Universidade de Campinas. Mas como uma correlação apenas de relacionamento econômico. Agora, dentro por exemplo da classe de professores, se ele veio de uma família mais pobre, ou mais rica, mais abastada, ou se ele fez um curso no Brasil ou no estrangeiro, isso geralmente se nivela depois de um certo tempo. Não há mais... não há mais relação...

**EL.:** Nós já estamos chegando no final, tem só mais duas questões. Eu gostaria que o senhor fizesse uma avaliação sobre o ingresso de recursos financeiros na Unicamp nesse período do professor Zeferino; uma observação em relação àquilo que foram recursos próprios e recursos externos, ou seja, qual o peso relativo de cada um?

**WAH.:** Como recursos próprios? O que você considera...

**EL.:** Recursos próprios são recursos orçamentários do Estado. E recursos externos seriam os financiamentos, porque algumas pessoas consideram que a Unicamp conseguiu evoluir bastante em função do aporte de recursos externos e não... Qual é a sua visão, professor?

**WAH.:** Não, acontece o seguinte: inicialmente a Universidade de Campinas teve um grande apoio do governo estadual principalmente na época... já falei a esse respeito. Na época do...

**EL.:** Laudo Natel.

**WAH.:** Do Laudo Natel, principalmente na época do Laudo Natel a universidade teve a seu dispor verbas necessárias não só para instalar uma série de laboratórios, uma série de departamentos, como também para desenvolver toda a parte administrativa; então foi muito bom. Os recursos eram, como você chamou de recursos internos naquela ocasião. À medida em que a universidade foi se instalando, foi se desenvolvendo, e que nós começamos a conseguir trazer do exterior elementos docentes para cá, então essa agregação de professores vindos do estrangeiro aqui na Unicamp chamou a atenção dos órgãos financiadores nacionais e internacionais. E com isso nós conseguimos trazer daí por diante verbas de fora. Daí por diante as verbas de fora foram muito maiores que as verbas do Estado. Nessa ocasião o governo do estado já não estava colaborando muito para a instalação da universidade. Dava verba suficiente para o pagamento do corpo docente, manutenção, e verba de capital praticamente não dava nada ou dava muito pouco.

**EL.:** E o senhor se recorda quando é que houve essa mudança de tendência?

**WAH.:** Foi por volta de 74. Por volta, não tenho bem certeza, talvez até um pouco antes. É por aí, de 70 a 74. Então houve essa afluência de verba de elementos alheios ao governo do estado. E isso permitiu que alguns institutos sofressem um grande impulso, um grande progresso e isso aconteceu por exemplo com o Instituto de Física, foi o mais bem aquinhoado. O Instituto de Física conseguiu então grandes empreendimentos e grandes equipamentos com essas verbas e conseguiu completar sua instalação. Hoje o Instituto de Física é um dos mais bem montados da universidade. Outros institutos que receberam também verba nessa ocasião foi o de Tecnologia de Alimentos, um pouco a Faculdade de Engenharia e eu tenho impressão que, em quantidades maiores, só. Depois existem planos isolados de diversos institutos inclusive o Instituto de Biologia tem os planos isolados em que permitiram arrecadar uma série de recursos vindos desses órgãos e dessas financiadoras. Mas assim, coisas pequenas e limitadas em relação ao grosso da universidade.

**EL.:** Professor, a minha última questão, eu gostaria que o senhor expressasse qual a sua visão a respeito do papel do intelectual universitário, dentro da universidade, dentro da academia e na sociedade.

**WAH.:** Bom, aí você deve distinguir o tipo de intelectual. A universidade forma diversos tipos de intelectuais. O intelectual voltado para as Ciências Exatas, o intelectual voltado para as Ciências Sociais, o intelectual voltado para a Economia. O intelectual voltado para a História, Filosofia, ou para a Física, para a Matemática, cada tipo tem um papel diferente dentro da sociedade. O intelectual voltado para as Ciências Exatas está mais relacionado com a capacidade técnica, com a capacidade de influir tecnicamente em diversas organizações. Ele pode ser assessor-técnico de uma determinada empresa ou pode fazer parte de um colegiado onde ele opina ou ele aconselha a respeito de diversas organizações... Então tem um papel muito limitado dentro da sociedade no sentido de incluir em determinadas organizações bem determinadas, bem limitadas. Agora, existem outros intelectuais, são os intelectuais formados em Ciências Sociais, em História, ou mesmo em Economia, cujo papel já é muito mais amplo que pode exercer com muito mais efetividade dentro da sociedade. Por exemplo, o sociólogo: o sociólogo, se ele for um intelectual que tenha não só um grande preparo sociológico mas que além disso seja um indivíduo capaz de liderar determinado grupo, ele é capaz de determinar modificações profundas dentro de uma sociedade, capaz de influir dentro do andamento da sociedade. Esse então pode influir diretamente na sociedade ao contrário do intelectual técnico, que influi limitadamente; aquele influi de uma maneira geral. Isso acontece com intelectuais especializados em Sociologia, especializados em Economia, mesmo especializados em História ou mesmo em Filosofia, conforme a Filosofia, Filosofia política por exemplo, esse também é capaz de exercer uma influência muito grande sobre o andamento na sociedade. Então é diferente o papel de cada intelectual dentro da universidade, porque cada intelectual tem dentro do seu campo uma capacidade de atuar de uma ou de outra maneira.

**EL.:** O senhor acha que a universidade, ela deveria ter uma preocupação em relação a esses aspectos na formação dos seus estudantes?

**WAH.:** Eu acho - como já disse talvez acho que na entrevista de outro dia - eu acho que o papel da universidade é formar bons profissionais, bons elementos, bons intelectuais, vamos dizer. Esses intelectuais, depois, de acordo com a sua capacidade, temperamento, e capacidade de liderança, esses é que vão depois interferir na determinação da evolução social de uma sociedade. Então a função da universidade é mais restrita, é formar bons alunos, formar bons intelectuais, deixar que depois da formação em diante corra por conta dos próprios intelectuais. É claro que hoje existe o curso de pós-graduação. E sempre quando eu falo formar bons intelectuais eu estou me referindo ao curso de graduação. Com o curso de pós-graduação a coisa fica um pouco diferente, então a universidade é capaz de formar líderes. Já tem capacidade de formar líderes

e de influenciar sobre determinados níveis. Então, durante a formação, durante os cursos de pós-graduação, sim, a universidade pode interferir e formar intelectuais capazes de liderar determinadas áreas políticas, áreas sociais também, áreas econômicas. Nós tivemos exemplo aqui na Universidade de Campinas, que já forneceu uma série de economistas que já propuseram uma série de normas, uma série de regras para a nossa economia, infelizmente não deu certo, mas de qualquer maneira eles tiveram seu papel.

**EL.:** Ok! Professor Hadler. Nós estamos aqui, passando das 12 horas do dia 10 de fevereiro de 1989, já encerrando essa nossa entrevista, e eu gostaria de agradecer imensamente a sua colaboração, e repetir aquela solicitação que o senhor recebeu naquele ofício, de qualquer documentação histórica que o senhor disponha e queira ceder para o arquivo central, vai ser muito importante para esse arquivo da Universidade de Campinas.

**WAH.:** É, eu vou fazer uma limpeza nos meus papéis velhos, e dentro desses papéis é possível que tenha alguma coisa, e eu deixarei guardado para entregar a você.

**EL.:** Perfeito, então eu agradeço em meu nome pessoal e em nome do professor Ataliba de Castilho<sup>14</sup>, em nome do pessoal do Arquivo Central, e está aberto o microfone se o senhor quiser registrar mais alguma coisa.

**WAH.:** Não, eu só quero dizer que achei muito interessante essa sua maneira de fazer essa sua conversa, vamos dizer, com relação a esses assuntos. Porque eu acho isso muito importante, porque depende do início de uma determinada coisa, como essa coisa irá se comportar no futuro. Eu acho que em relação à Universidade de Campinas acontece a mesma coisa, quer dizer, depende do nosso início o nosso comportamento futuro, como já está dependendo. Eu acho que muita coisa que foi errada no começo pode ser através dessa conversa, verificado o erro e pode ser corrigido. Acho que é importante que isso seja feito. Eu acho que é para isso que a gente está aqui, justamente para permitir que os erros possam ser corrigidos.

**EL.:** Está ok.! Então para encerrar eu agradeço, eventualmente qualquer necessidade de voltar a conversar...

**WAH.:** Claro, eu estarei à disposição. Qualquer outra coisa estarei à disposição.

**EL.:** Está ok.! Obrigado, então.

**WAH.:** Muito bom.

---

<sup>14</sup> Ataliba Teixeira de Castilho, foi coordenador do Sistema de Arquivo da Unicamp.

